ROL DE HONRA

Estas são as sociedades vanguardeiras de 1949, que ultrapassaram seus al[illegible] mínimos, enviando seus pedidos até 12 de dezembro de 1948

SOCIEDADES DE JOVENS

REGIÃO DO NORTE

Sociedades	Alvo	Total	Port.
Boa Vista .	15	118	453%
Alegre	10	23	230%
Sião (Resp.)	20	40	200%
Bangú	65	118	182%
Nepomuceno	35	60	171%
Cataguazes .	85	140	164%
Ibitiporã ..	15	22	146%
Cascatinha .	75	95	126%
Petrópolis .	150	186	124%
V. Concórdia	25	30	120%
Belém (Re.)	10	12	120%
M. Valença	30	35	116%
Praça, B. H.	35	40	114%
São João .	105	120	113%
Central, J. F.	150	160	106%

REGIÃO DO SUL

Sociedades	Alvo	Total	Port.
Alegrete ...	200	300	150%
Santa Maria	150	151	101%
Curitiba ...	100	100	100%

REGIÃO DO CENTRO

Sociedades	Alvo	Total	Por[illegible]
Ipiranga ...	60	144	240[illegible]
Pinheiros ..	30	59	230[illegible]
Marília	50	104	209[illegible]
Itaquera ..	15	30	200[illegible]
Tucuruví ..	30	44	146[illegible]
S. Carlos ..	30	40	133[illegible]
Baquirivú .	15	20	133[illegible]
Mairinque .	15	20	133[illegible]
Goiânia	10	13	130[illegible]
Cume	20	25	125[illegible]
Penha	100	122	122[illegible]
N. Granada	25	30	120[illegible]
P. Wenceslau	10	12	120[illegible]
Sorocaba ..	60	70	116[illegible]
Artur Alvim	25	28	112[illegible]
Moóca	110	120	10[illegible]
Igarapava .	35	37	105[illegible]
S. André ..	50	51	102[illegible]
Luz	250	253	101[illegible]
Piracicaba .	100	100	100[illegible]

SOCIEDADES JUVENIS

REGIÃO DO NORTE

Sociedades	Alvo	Total	Port.
J. Botânico	10	26	260%
São João ..	5	6	120%
Petrópolis .	10	11	110%

REGIÃO DO SUL

Sociedades	Alvo	Total	Port.
Passo Fundo	30	35	116%

REGIÃO DO CENTRO

Sociedades	Alvo	Total	Port.
Penha	30	65	21[illegible]
Guaratinguetá	5	7	14[illegible]
Moóca	50	50	10[illegible]
Itaím	10	10	10[illegible]

Cartas à Redação

Telegrama

PARABENS ÓTIMO NÚMERO JANEIRO PT TAMANHO NOVO REVISTA IDEAL PT ABRAÇOS — JURACYR LOPES, Vila Isabel, Rio.

Bomba atômica!

A Cruz de Malta de Janeiro é uma verdadeira "bomba atômica"! Cabe até no meu bolso! Apreciei muito "O Mundo é a Minha Paróquia", "Fronteiras do Metodismo", o artigo de Maria Aldina, a originalidade de "Um dedo de prosa" e "Valeu o esbarrão".

O artigo, porém, que mais me impressionou foi o do Rev. Afonso Romano Filho, porque todos os professores citados por êle foram meus professores o ano passado na Escola Agrícola de Piracicaba. Isto tornou-me o artigo mais concreto, pois pude enxergar os personagens em suas feições e particularidades. — *Sylas Pacitti*, Piracicaba, S. P.

Bilhete para os EEUU

Num congresso, no sul dos Estados Unidos, em 1945, fui solicitada para falar sôbre o trabalho dos jovens metodistas no Brasil.

Com entusiasmo fiz a minha palestra. Nela descrevi o trabalho da nossa Cruz de Malta. Meu entusiasmo aumentava ao falar sôbre a maneira com que todos nós trabalhamos juntos para a publicação da nossa revista.

Findei dizendo que considerávamos o nosso trabalho recém principiado e com muitos sonhos a realizar. O maior dêles era o de ter uma Cruz de Malta com uma capa colorida, de umas cinquenta páginas, cheia dos melhores artigos possíveis; uma revista que pudesse encher o nosso país, de canto a canto, com as palavras de Cristo.

Quando recebi a Cruz de Malta de janeiro vi êste grande sonho realizado. Senti então a inspiração profunda que vem de ver mais um passo na escalada da nossa mocidade.

Quando eu retornar aos Estados Unidos, para continuar meus estudos, quero transmitir àqueles jovens a notícia alvíçareira de mais esta meta alcançada. — *Nancy Schisler*, Passo Fundo, R.G.S..

De "fio a pavio"

Não é de hoje que conheço e admiro a revista da juventude cristã-metodista.

Criança ainda, lia eu em todo o fim de mês, de *fio a pavio*, a "Cruz de Malta" e, após relê-la com maior cuidado, punha-me a refletir: como é dinâmica e criadora esta Igreja Metodista! "Bem-te-vi", "Cruz de Malta", "Voz Missionária" — tôdas publicações adequadas às diversas estações da vida, tôdas repletas de sábias e salutares lições.

Agora, passados oito anos, vejo mais nitidamente confirmadas as minhas reflexões de criança. "Cruz de Malta" prospera vertiginosamente.

Sua confecção gráfica é notável; em sua direção acham-se crentes capacitados para levar até bem longe a obra de educação cristã através da imprensa.

Como admirador e cultor das mais modestas letras, faço minha a sugestão do Rev Antônio de Campos Gonçalves, a respeito da criação de uma "coluna literária" na "Cruz de Malta"

De coração, almejo à "Cruz de Malta" os maiores triunfos, na sua marcha meritória. — *Samuel de Araujo Penido*, Penápolis, S. P..

De um amigo congregacional

Quero juntar minha opinião às que elegem a "Cruz de Malta" a melhor revista no seu gênero.

Aguardo-a com ansiedade todos os meses e quando a recebo leio-a àvidamente, de capa a capa, pois de capa a capa ela é atraente e alegre, despida de espírito bolorento que tanto desagrada aos jovens.

Imaginem, senhores redatores, que até um ano ignorava tudo o que dizia a respeito à mocidade metodista, até mesmo de sua existência organizada. (Diga-se, de passagem, que sou sócio da UME, portanto, congregacional). Mas um dia fui presenteado com uma assinatura dessa extraordinária revista. Fiquei, então, além de maravilhado com suas interessantes secções, ciente das grandes atividades desenvolvidas pela pujante e entusiasta mocidade metodista.

Parabens pela compreensiva atuação dos redatores. Com sincero afeto cristão. — *Samuel Landim*, Piedade, Rio.

É o Natal?

De *Paulo Annes, Catete, Rio:* — "Há alguns anos sou assinante da Cruz de Malta, revista que estimo muitíssimo. Apreciei o número de dezembro, que veio ter apresentado a melhor capa do ano. Gostaria de saber, no entanto, por que a revista de dezembro não publicou ao menos um conto ou uma poesia baseada no Natal? Creio que se não fôsse a capa, a data máxima do Cristianismo passaria completamente despercebida por parte de nossa revista."

De *João E. Gonçalves, Rio:* "Está magnífica a capa da revista de dezembro. Para mim é a mais bonita do ano. Senti falta somente de algo mais que lembrasse o Natal. Creio que o Zení Silva Pereira recebeu uma homenagem que já estava demorando. Esse rapaz é um dos maiores líderes que tenho conhecido: modesto e trabalhador. Sempre colocou os méritos de seu trabalho em outros companheiros. Para quem convive com o Zení, a sua companhia é uma inspiração. Parabéns, pois, a Osmary.

Cruz de Malta

Registrado conforme lei de imprensa

ORGÃO OFICIAL DAS SOCIEDADES METODISTAS DE JOVENS

Publicação mensal da Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil.

Diretor:
Luiz A. Caruso

Redator Gerente:
José Gomes de Campos

Redatores:
Isnard Rocha e *William Schisler*

INFORMAÇÕES — Assinaturas anuais coletivas (Janeiro ou Fevereiro a Dezembro) (limite mínimo, 5 assinaturas) — Cr$ 15,00; Semestrais coletivas (Julho ou Agôsto a Dezembro) Cr$ 10,00; Anuais individuais (direto da redação ao assinante em envelope especial) Cr$ 25,00; Semestral individual Cr$ 15,00. — Em cada sociedade de jovens ou juvenis há um agente. Tôda correspondência, notícias, colaborações, pedido de assinaturas e remessas de dinheiro devem ser enviados à CRUZ DE MALTA, Caixa Postal 2009, São Paulo

NOSSA CAPA

O Sr. Adolfo Schlottfeldt, de Juiz de Fora, Minas, é o genial fotógrafo da nossa capa. E o seu "modêlo" é Dirceu Brandão Schlottfeldt, seu filho.

Escolhemos esta capa, êste mês, porque apresenta a fotografia de uma criança. Este ano é o ano da "Cruzada das Crianças" na nossa Igreja e a lembrança dêsses pequeninos deve estar sempre conosco, estimulando-nos a fazer todo o possível por elas.

Muitos de nossos jovens são professores do primário da Escola Dominical, muitas jovens são diretoras de Sociedades de Crianças, muitos têm organizado Escolas Bíblicas de Férias para os pequeninos. A Cruzada das Crianças surgiu para incentivar êste trabalho, para estimular o uso de novos métodos e o melhor preparo na orientação religiosa das crianças da Igreja. Mãos à obra, pois?

O MUNDO É A MINHA PARÓQUIA

O Brasil em primeiro lugar ★

Segundo estatísticas compiladas numa enquete realizada em dez países do mundo, o povo brasileiro é o que mais crê em Deus. Ante a pergunta: "Você, pessoalmente, acredita em Deus?" 96% dos brasileiros responderam sim; 3% não; e 1% declarou que não tinha opinião formada. Nos Estados Unidos, 94% declararam que sim; 3% que não; e 3% que não tinham opinião formada. A França foi o país com o coeficiente mais alto de ateus. Apenas 66% dos franceses afirmaram crer na existência de Deus; 20% declararam-se ateus e 14% sem opinião.

Um inglês desafia Hollywood ★

O empregado de um moinho inglês, usando os talentos que Deus lhe deu, introduziu métodos modernos em seu trabalho e passou a ser um dos milionários de seu país. O seu nome era Joseph Rank e na firmeza do seu caráter estava algo da linhagem wesleiana. "Quando levo os meus problemas a Deus em oração", dizia êle, "sempre resolvo-os com sucesso".

Quando Joseph Rank morreu, êle transferiu aos seus filhos as suas duas fortunas: seus milhões e seu metodismo, diz a revista americana "Time". Seu terceiro filho, Arthur Rank, foi o que mais aproveitou o presente. Continuando a administrar os grandes moinhos de trigo de seu pai, Arthur apaixonou-se por uma pequena companhia metodista de filmes religiosos. Com generosas doações êle conseguiu elevar o padrão de filmes feitos, a ponto de conseguir que um merecesse o terceiro lugar num concurso britânico da indústria cinematográfica.

Impressionado com o baixo grau cultural e espiritual dos filmes americanos e britânicos que estavam sendo exibidos nos cinemas inglêses, Arthur Rank resolveu ampliar o seu trabalho, entrando com sua influência cristã para o ambiente secular.

Pôde assim, melhor por em prática a sua crença de que a melhor maneira de esparramar o evangelho é pelo bom cinema.

E seus filmes não tem desmentido o seu ideal. Prova da influência do seu trabalho está no interêsse com que Hollywood tem acompanhado os seus movimentos, aumentando o padrão artístico e moral de seus filmes, para não perder a liderança do cinema mundial ao genial metodista inglês.

Arthur Rank é provisionado e professor de uma classe da Escola Dominical da Igreja de Reigate. E só uma vez na vida provou bebida alcoólica. Isto deu-se quando seu médico forçou-o a engulir um gole de whiskey para ativar o seu coração, durante uma

grave recaída. Ao recobrar forças, Arthur Rank exclamou jocosamente: "Se eu tivesse sido um bebedor inveterado, aquêle whiskey nunca teria causado efeito. Mas, por não beber, minha vida foi salva pela bebida". E contando esta experiência nos luxuosos "coquetéis" que lhe são servidos nas grandes emprêsas cinematográficas do mundo, êle pede que lhe seja servido uma água mineral.

Assim, um dos leigos metodistas mais influentes do mundo dá testemunho de sua fé.

★ *Azas para a mensagem ao povo do sertão*

O trabalho missionário nos sertões brasileiros que há cinqüenta anos tem sido penosamente levado avante por intermédio dos meios mais rudimentares possíveis, atualiza-se agora a passos rápidos. Os primeiros a ativarem-se neste sentido foram os presbiterianos, com a vinda ao Brasil de um avião pequeno, mas de grande potência e possibilidade, que é usado para transporte de passageiros e cargas às missões mais remotas, espalhadas em Mato Grosso, Goiaz, Minas e Bahia. Um filho de missionários, brasileiro nato, é o pilôto. Através do uso do seu avião, como táxi-aéreo comercial para os que não são crentes, tem sido possível economizar a quantia necessária para a compra de um segundo aparelho que servirá às igrejas da bacia do Amazonas.

Seguindo as pegadas dos presbiterianos, os batistas acabam de adquirir um possante aparelho para cobrir tôda zona norte do país, especialmente as imediações dos Estados do Piauí e do Maranhão.

Provavelmente, devido ao fato que nosso trabalho encontra-se centralizado nos estados mais adiantados em meios de comunicação, não temos, como metodistas, nos impressionado com êste problema. Alegra-nos noticiar que ao menos um jovem pastor metodista empolga-se com a oportunidade da aviação posta a serviço do Evangelho. Trata-se do Rev. João Nelson Betts, atualmente estudando na Universidade Metodista do Sul, em Dallas, nos Estados Unidos. Em breve êle terminará o seu preparo aviatório e sonha então em voltar ao Brasil em seu próprio aparelho.

★ *O lugar mais cristão do mundo*

O lugar mais cristianizado do mundo, acredite se quizer, é o das Ilhas Fiji, no meio do Oceano Pacífico. Aquelas ilhas, com 100.000 habitantes, arrancadas há apenas cem anos de seu primitivismo canabalístico pelos primeiros missionários evangélicos, é hoje um paraíso livre do alcool, da prostituição e do crime. O número de cristãos é superior a 99%, 90% dos quais são metodistas.

ESTA CAPELA é símbolo de amor e desprendimento. Foi construída pelas ex-alunas do Colégio Americano de Pôrto Alegre, R.G.S., para que "separada de qualquer uso profano, seja inteiramente consagrada ao culto de Deus em oração e louvor, para a pregação das Sagradas Escrituras e para a celebração dos Santos Sacramentos". Além de servir a tôdas as atividades religiosas do Colégio Americano, a capela permanece aberta durante o dia para receber as alunas que desejam orar e meditar no seu recinto acolhedor. No 63.º aniversário do colégio, em 1948, a capela foi consagrada pelo Bispo Isaías Sucasas, recebendo o nome de "Capela Mary Sue Brown", em honra à dedicada reitora e construtora do grande educandário metodista do Sul.

Notas de um Redator

E' a SUA opinião que faz esta revista a NOSSA revista

ESTA PÁGINA está sendo escrita antes que os milagres das máquinas possam transformar a revista num conjunto harmonioso de páginas impressas, cortadas e grampeadas. Por enquanto ela ainda é um amontoado de clichês, sujos de tinta, longas tiras de papel, contendo os artigos compostos, uma tesoura, um pote de goma arábica e uma soma de idéias.

Esta soma de idéias é o fator mais importante para o sucesso dêste número e de todos os números que hão de vir. Porque as idéias contidas neste número são SUAS.

O fim de "nossa revista" é atender aos SEUS interêsses espirituais e já aprendemos a lição que todo jornalista precisa aprender um dia, que só VOCÊ sabe quais são os seus interêsses e que a nossa responsabilidade prende-se em descobrí-los e orientá-los cristãmente.

Com o fim de melhorarmos a revista em 1949, enviamos em outubro de 1948 um questionário a tôdas as sociedades do Brasil. Descobrimos assim a sua opinião. Da soma das 151 respostas recebidas, pudemos descobrir o SEU pensamento a respeito da revista.

Em primeiro lugar, descobrimos que VOCÊ desejava o aumento do número de páginas da revista e não receava o aumento de preço. Prometemos 44 páginas, mas no estudo que fizemos, descobrimos que poderíamos dar 60 páginas, se diminuíssemos o tamanho da revista para um formato mais moderno e prático como o dêste número; modificação esta já tão apreciada em janeiro.

Em segundo lugar, descobrimos que o seu gôsto artístico tende mais para capas paisagistas do que para capas com poses interessantes de jovens em ação. O seu maior voto foi para a capa de setembro de 1948, com a torre da Igreja de Passo Fundo.

Na sua lista de artigos favoritos, encontramos 56 dos 66 artigos publicados nos nove primeiros mêses de 1948. Isto muito nos alegrou, demonstrando o valor do cuidado que mantivemos o ano passado na escôlha dos artigos a serem publicados. Estudando a lista dos mais votados chegamos à conclusão que você prefere, em primeiro lugar, artigos que lhe ajudem a fazer escôlhas sábias (da companheira, da vocação, de atitudes corretas); em segundo lugar, artigos sôbre jovens e suas experiências, vitórias e sonhos; em terceiro lugar, biogra-

fias e relatos sôbre homens que têm tido uma experiência com Cristo. O artigo mais votado foi "O tipo da jovem que eu admiro", de Otto G. Otto.

Quando pedimos a sua opinião sôbre o que você desejaria ver acrescentado à revista, suas respostas foram uma verdadeira torrente de sugestões. Eis algumas pepitas: que se estude, abertamente, o problema sexual (maior número de votos); que se oriente a mocidade sôbre boas maneiras; que haja uma página de humorismo; que se combatam mais fortemente os vícios; que haja esclarecimentos sôbre religiões pseudo-cristãs e que se publiquem as biografias de nossos líderes.

Tudo isto e muito mais procuraremos incorporar aos poucos na Cruz de Malta de 1949. Mas, para o sucesso do nosso empreendimento, a sua contínua orientação é indispensável. Pedimos, desde já, as suas sugestões e faremos todo o possível para pô-las em prática — visando sempre o melhoramento da revista.

O Jovem Rural e o Chamado de Cristo

EM TODOS os labores da vida, Cristo chama o jovem. Mas, para um dos trabalhos mais divinos e gloriosos Cristo reserva um chamado especial para o jovem das zonas rurais. Sim, mesmo o jovem de pés descalços e gestos rudes.

A êste jovem está reservada a missão de arar a terra e manter a economia dos povos. Mas, eis o jovem rural; pensativo e tristonho, analfabeto e atrazado, sem conhecimento da história real dos povos. Falta-lhe o confôrto rudimentar; falta-lhe a higiene necessária para a boa saúde; falta-lhe a diversão construtiva; falta-lhe o conhecimento cívico que leva ao amor à Pátria. Falta-lhe a vida risonha que o jovem urbano gosa.

E no meio destas faltas e problemas o jovem rural pergunta a si mesmo: "Como posso obter uma vida melhor?" E a resposta de Cristo ao jovem rural vem através do Instituto Rural Evangélico que abre as suas portas para recebê-lo e prepará-lo para progredir na agricultura e na vida cristã.

Venha prezado jovem! As portas do Instituto Rural estão prontas para recebê-lo. Penetre por seus umbrais simples, mas cheios de confôrto espiritual.

Sabendo que está próxima a minha partida do Instituto, quero expressar a minha gratidão por tão alto privilégio que Deus me deu de estudar nesta querida instituição de nossa Igreja. Espero que outros tirem para suas vidas o mesmo proveito que esta escola proporcionou a minha vida.

Adriel Avelino da Silva.
Colatina — Espírito Santo.

Betty Esckew, uma jovem norte-americana entusiasmou-se pela nossa revista e mandou-nos êste simbólico desenho das Américas, encimadas pela Cruz de Malta da mocidade metodista dos Estados Unidos. É o preito de amizade que une "nossa família" através do mundo, fazendo-nos todos irmãos em Cristo, Nosso Senhor.

O Lírio dos Vales

— CONTO —

Quando meu colega apresentou-me àquela moça, compreendi que estava diante de um espirito raro, dessas pérolas que Deus espalhou parcimoniosamente por entre os escôlhos da vida humana.

QUANDO CONHECI Maria Helena, seus anos corriam alegres por entre os dezessete, mas já trescalavam o perfume da fé e da virtude. Era bela no físico, beleza que era simples e imperfeita cópia de seu espírito engalanado dos mais lindos sentimentos. Seus cabelos negros e brilhantes, formas delicadas adornadas da mais sublime graça, causavam uma impressão indelével. Impressão que seria insignificante se a bondade, a doçura, a paciência, a docilidade, a fé, não transbordassem abundantemente da sua alma angelical.

A IGREJA de Maria Helena erguia-se num populoso bairro da Paulicéia. Sempre se distinguira pelo seu movimento evangélico ativo e incessante. Crianças, jovens, senhoras, homens, cultos, escolas dominicais, tudo ali se agitava num hino espiritual do mais santo trabalho.

Foi alí que conhecí Maria Helena, em uma noite, quando nós, seminaristas, realizávamos uma sessão literária do Grêmio da Faculdade de Teologia. Após a sessão, como sempre era costumeiro, realizou-se uma hora de recreação, quando a mocidade se expande sempre na mais pura das alegrias. Quando tudo corria animado, conversando alguns, brincando outros, um de meus colegas mais íntimos apresentou-me àquela mocinha alegre e pálidamente tímida. Conversámos longamente. Logo compreendi estar diante de um espírito raro, dessas pérolas que Deus espalhou parcimoniosamente por entre os escôlhos da vida humana. Interessei-me por aquela vida, não porque a apreciasse como mulher, mas como por um espírito irmão, uma inteligência, um coração crente. Assim, acompanhei-lhe os passos de longe, por informações, por observação direta, para apreender o segrêdo e os ensinamentos daquele ser e para sentir o aroma daquelas virtudes.

MARIA HELENA era filha de pais pobres, mas crentes; filha única. Seus pais trabalhavam e ela os ajudava, empregada em uma fábrica de tecidos, isso de dia, porque de noite frequentava uma das muitas escolas noturnas que fazem São Paulo uma cidade de estudantes.

Visitei sua casa, certo dia. Conheci seus pais, ambos avançados na estrada do tempo. Muito solícita, alegre, trabalhadora, Dona

Margarida, a boa mãe de Maria Helena, recebeu-me como se filho fosse e assim me tratou. Procurei falar de sua filha ausente em seus trabalhos. Na alegria quase arrebatadora com que ela me retrucou, pude ver o manancial de satisfação que encontrava em sua filha dileta. Afirmei, com ar de curiosidade:

— Maria Helena certamente nunca lhe causou incômodos!

— Jamais! Não lembro que algum dia tivesse ela me desobedecido ou me induzido a uma admoestação mais severa.

Assim dizendo, seus olhos se encheram de lágrimas e continuou:

— Para provar-lhe o que afirmo vou lhe contar alguma coisa da sua vida. E aprumando-se melhor na cadeira tôsca, disse:

— Meu espôso e eu, embora já não muito moços, contraímos núpcias com o sonho santo de encher o nosso lar de filhos. Achávamos ser uma aspiração justa, para a qual Deus atentaria. Entretanto, o primeiro faleceu aos seis meses de idade. Chorámos muito mas acabamos nos conformando. Não sei se por isso, ou por qualquer outro motivo que Deus guarda em seus justos desígnios, nasceu-nos uma menina muito linda a que pusemos o nome de Maria Helena. Logo revelou-se na beleza e na doçura que enfeita os anos. Todos a admiravam e gostavam dela. Um dia ela entrou para o Jardim da Infância da Escola Dominical. Que dia alegre foi para ela!

E continuou:

— Meu espôso e eu sempre lutamos com muitas dificuldades. Êle é empregado de fábrica e tem que trabalhar incessantemente pelo pão de cada dia. Quando nossa filha tinha seis anos, voltou êle da fábrica certo dia muito aborrecido e abatido. Tinha sido injustamente despedido. Contando-me o fato, a pequenina o observava de longe com atenção. Êle chorava e, num ímpeto de ira, partido de um coração injustiçado, disse: "Hei de me vingar!" Maria Helena, então, chegando-se para êle disse brandamente: "Papai, o senhor deve confiar em Deus. Êle é bom e o senhor não se deve irar porque conhece Jesus e Êle disse que nós não devemos nos vingar". Depois pousou a mãosinha no rosto de Cornélio e lhe deu um beijo. Meu espôso silenciou e a tempestade de seu coração acalmou-se ao contáto daquela mãosinha pequenina.

— Aos quinze anos, Maria Helena já apresentava o primor espiritual que é para nosso lar humilde um tesouro inegualável e inesgotável. Certo dia chegou-se a nós e disse que observava as lutas que mantínhamos dia a dia para o sustento do nosso lar e que estava resolvida a trabalhar para ajudar-nos. Não podíamos conceber tal coisa, pois nosso plano era fazer dela, embora com sacrifícios, uma jovem educada e culta e não uma trabalhadora de fábricas. Meu espôso lhe disse: "Maria

Helena, temos para tua vida os mais lindos planos e mesmo com sacrifício haveremos de cumprí-los. Queremos que tu estudes até conseguires a educação que deves alcançar." Ela ouviu tudo atentamente, de olhos muito brilhantes e disse que não aceitaria êsse sacrifício. "Mas não é sacrifício", afirmou-lhe Cornélio. "Sei que não é sacrifício, porque é feito por amor", interrompeu ela, "portanto vou fazer um acôrdo. Hei de trabalhar e também estudar, satisfazendo assim minha aspiração e a sua, ao mesmo tempo, e ajudando-os como é meu dever e como fazem milhares de moças nesta cidade." Tamanha firmeza de decisão levou-nos a consentir.

PASSARAM-SE os anos. Certo dia, soube que seus pais estavam enfermos gravemente. Corri ao seu lar humilde. Lá fui encontrar a mesma alma de há anos, não mais menina, mas moça feita. Nenhum namorado, nenhuma preocupação consigo mesma, era quase etérea...

Recebeu-me gentil como sempre sabia ser, na graça cristã que lhe era natural. Seus pais entrevados, guardavam o leito. Não se explicava como os dois ali haviam se aconchegado ao mesmo tempo. Para Maria Helena, a única preocupação era ampará-los com solicitude e amor filial.

Indagadoramente, perguntei-lhe na primeira oportunidade de palestra:

— Não te cansa essa vida de tanto sacrifício para teus verdes anos?

Ela riu, num sorriso de quem não sabia como era possível pensar assim e disse:

— Jamais perdoaria a mim mesma cansar-me daquilo que deve ser o pão diário de cada alma cristã. Ao contrário, tenho nisso tudo o coração e a par das lágrimas que Deus tem me visto verter no silêncio da minha alma e de meu quarto, sinto gôzo neste trabalho, porque sei esta ser a vontade soberana de meu Pai celeste. Realmente, maior dor não poderia ter agora do que esta: perder meus pais e ficar só no mundo, porque não tenho parentes; e uma lágrima furtiva atravessou o seu rosto iluminado.

Meses depois morria o Sr. Cornélio, para logo depois sua espôsa seguir-lhe as pegadas.

Maria Helena ficou só...

PACIENTEMENTE a ampulheta do tempo contou os anos, um a um. Maria Helena continuava sua vida de fé, iluminada pelo brilho das obras boas e piedosas. Distribuia seu tempo sàbiamente entre a igreja, seu trabalho, o cuidado com os pobres, suas visitas às viúvas... Muitas vêzes vi-a visitar Dona Maria das Dôres, preta velha e sózinha, le-

vando-lhe gêneros que adquirira com seus parcos recursos. Os cegos do asilo já aguardavam sua visita pressurosos, não pelos presentes que lhes levava, mas pela sua presença amiga e conselheira, sempre distribuindo dos sábios tesouros de sua fé.

Trinta anos. Maria Helena ainda conservava os mesmos traços de santa. Esquecera de casar, tal o cuidado pelos outros. Melhor assim! Sua missão de mulher não deixou de ser cumprida. Cedo a iniciara porque de todos foi mãe carinhosa... até de seus próprios pais.

Pastor era eu, então, desde há muito. Visitando São Paulo, fui informado de que Maria Helena se acamara, gravemente. Moléstia insidiosa e dura, adquirida através de noites de vigília ao lado de leitos de moribundos, de caminhadas pela chuva para visitas a alguém que lhe chamava, de pouca comida ingerida para tornar possível guardar mais para aquêles que nada tinham.

Fui visitá-la, certo de que haveria de encontrá-la abatida, espectro triste do que fora. Puro engano! A mesma alma, meiga, alegre, esperançosa e crente. Apenas um físico, antes belíssimo, agora alquebrado; mas o espírito era forte e não perdera os traços de seu caráter formoso.

Conversámos longamente sôbre o passado, em doces evocações dos sonhos moços, das inspirações de nossos ideais que se identificavam no mesmo Deus. Ainda no leito, Maria Helena esquecia-se do seu sofrimento, pensando no Bem que ainda poderia prestar aos outros.

OS DIAS passaram-se e quando voltei novamente a São Paulo fui encontrá-la nos últimos momentos da vida. Trinta e cinco anos! Um pouco mais do que a idade de Cristo, mas como Lhe merecera o amor!

Bebí-lhe suas últimas palavras sôfregamente, para guardá-las no tesouro de minhas caras recordações:

— Reverendo, disse-me ainda, chegou a hora da partida e sinto em mim o ante-gozo da glória de Deus... Parece-me que sinto já a companhia de meus pais amados... Como é bom ter vivido na inspiração de Cristo para o bem... Foge-me a vida física, mas uma vida melhor se apodera de mim; transbordante, libertadora... Até hoje não compreendo minha mocidade apreensiva quanto à vida elevada e nobre, mas sei que Deus me guiava para êste sublime destino... E procurei aproveitar minha vida, gastando-a para Deus!

Através das lágrimas que me embaciavam a vista, vi por vez derradeira os últimos brilhos daquela alma aqui na terra; alma que passaria a brilhar na Eternidade e na lembrança de todos quantos admiravam sua figura nos passos suaves de um anjo de Deus. Lírio branco dos vales das lutas, dores e desgraças humanas. Como lírio viveu e como lírio partiu para os braços de Deus.

Mário Coll Oliveira
Gramado — R. G. S.

...E É o novo templo de Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro. ...truído por uma congregação pequena e modesta, representa ... anos de esfôrço abnegado. A sua bela arquitetura e a cruz que encima a tôrre, falam de Cristo ao viandante.

QUAIS AS MAIORES OPORTUNIDADES DA IGREJA METODISTA DO BRASIL?

TÔDAS as pessoas interessadas no progresso da nossa amada Igreja estão com seus olhos voltados para seus próximos anos de trabalho quando, mais do que nunca, terá ela um grande papel a desempenhar.

A "Cruz de Malta" desejando apresentar aos seus leitores a aspiração de que estão embuidos muitos de seus membros, procurou colhêr a opinião de várias pessoas credenciadas, a fim de sondar-lhes a opinião sôbre os planos de trabalho que gostariam de ver realizados pela Igreja Metodista do Brasil nos próximos anos.

O PRIMEIRO a ser entrevistado foi o Revmo. Bispo Cyrus B. Dawsey, que à pergunta da reportagem, assim se expressou:

Entre os muitos assuntos que devem ser estudados pela Igreja para realização no próximo futuro, seria interessante incluir os seguintes:

Primeiro, um plano de evangelização que traria o avivamento que a nação precisa e que o bom nome da Igreja Metodista merece. Segundo, um plano para a criação na Igreja de um tipo de Escola Bíblica que daria cursos breves e práticos aos nossos leigos que serão os futuros provisionados, servindo como suplentes nas três regiões. Terceiro, um plano para construção de um tipo de casa em lugares novos que serviria como salão de cultos e ao mesmo tempo como residência paroquial, garantindo assim a estabilidade do nosso trabalho em lugares novos e difíceis e, também, aliviando a Junta de Missões de um pêso financeiro muito grande.

Fomos procurar, e gentilmente atendeu-nos numa entrevista, o Rev. Prof. Almir dos Santos, lente catedrático de nossa Faculdade de Teologia e ministro renomado de nossa Igreja.

À mesma pergunta nossa, o Rev. Almir dos Santos respondeu:

Muita coisa deveria ser realizada, incontinente, pela nossa Igreja, e ao meu ver, pelo menos estas seriam necessárias nos próximos anos: Primeiro, um grande e significativo despertamento religioso como o operado nos tempos de João Wesley. Segundo, como resultado dêsse despertamento, maior santificação da vida dos crentes e uma ação evangelizante mais eficiente. Terceiro, uma influência mais decisiva do Metodismo na vida Nacional. A Igreja Metodista está precisando deixar de ser modesta e ocupar no Brasil o seu verdadeiro lugar.

ACHAMOS de valor procurar, também, a opinião de uma senhora, representante do elemento leigo. Para isto, entrevistamos Dona Abigail Dutra Gelcich, que é destacada funcionária do Consulado Americano na Capital Paulista e nova presidente da Federação das SS.MM.SS. da Região do Centro. Disse-nos Dona Abigail:

Como leiga, desejaria que em anos futuros a Igreja Metodista do Brasil desenvolvesse nos seus maiores centros de trabalho, um vasto programa de assistência social que, por meio de atividades práticas, concretas e bem organizadas, pudesse beneficiar aos membros de nossas igrejas e à comunidade em geral.

Por exemplo, gostaria que existisse em São Paulo um "Centro de Ação Social da Igreja Metodista do Brasil" (ou outro nome mais adequado). Num dos pontos estratégicos da cidade, adquiriria a Igreja uma propriedade com acomodações apropriadas para o seu funcionamento. O Centro constaria de equipamentos tais como:

1 — Consultórios médicos, dentários, laboratórios, farmácia com preços de drogaria.

2 — Pensionato para rapazes e moças evangélicas residentes fora da Capital e que aqui estivessem em estudos ou empregados, com um restaurante público para a refeição do meio-dia.

3 — Crêche onde as mães com atividades fora dos lares pudessem confiar os filhos durante o dia.

4 — Pavilhão para esportes, festas e educação física. Agência para a colocação de emprêgos de pessoas evangélicas. Serviço de informações e estatísticas metodistas.

5 — Salão auditório com palco e demais instalações para fins de conferências, audições musicais, cinema educativo, e que pudesse ser utilizado pelas nossas igrejas quando da realização de festivais literários tão do gôsto das Sociedades de Jovens.

E, longo seria prosseguir. Muitas outras atividades poderiam ser incluidas no programa dessa organização. Dirigida por uma administração superior, e servida por técnicos e profissionais crentes especializados, não teria por fim auferir lucros pelos seus serviços, mas a preços acessíveis e razoáveis beneficiar e servir na mais vasta extensão da palavra.

SONHANDO em como poderia ser concretizado êste grandioso plano de Dona Abigail que, em parte, sabemos que está sendo tentado

no grandioso trabalho do nosso Instituto Central do Povo, no Rio de Janeiro, resolvemos ouvir a opinião de outro elemento leigo de destaque. Procuramos o Dr. Joel de Melo, professor da classe dos moços da Igreja Metodista Central e um dos diretores da Companhia Socite. Disse-nos o Dr. Joel.

A grande oportunidade que está diante da Igreja Metodista do Brasil nestes dias é a de pregar um Evangelho que pode com eficácia transformar caracteres e vidas, salvando-as desde já. Afaste-se a Igreja de continuar a ensinar doutrinas e preceitos. Em lugar disso, apresente ao mundo um padrão de vida na pessoa de Cristo e aponte-o como um a quem se pode seguir para ficar aliviado de tôdas as cargas e alcançar a solução de todos os problemas. Enfatize-se a verdade de ser Cristo um amigo presente a quem podemos seguir a todos os momentos e sentir perto de nós. Saliente-se que o Mestre está perto de nós na vida de cada dia de forma tão real que podemos considerá-lo nosso melhor amigo e companheiro.

A grande oportunidade da Igreja nestes dias em que a multidão já não quer ouvir promessas através de discursos, é a de apontar a personalidade de Cristo a cada cidadão para que o siga e se salve.

POR ÚLTIMO, resolvemos conhecer a opinião do Rev. James E. Ellis, dedicado Secretário Geral de Educação e grande amigo da mocidade metodista.

O que mais gostaria de ver realizado na Igreja Metodista do Brasil nos próximos anos é a substituição de todo o espírito negativo e tendência de críticas uns aos outros por um espírito cristão de cooperação e apreciação que, num espírito de união e dedicação a Jesus e à sua Igreja, nos levará a um grande avanço espiritual.

Mesmo em alguns concílios e congressos empregamos tempo demais em críticas, e na procura de erros e falhas, uns nos outros. Não é possível que todos nós pensemos da mesma maneira, nem que todos ajamos do mesmo modo, mas é possível que nos entreguemos de corpo e alma a uma obra comum que visa o bem da Igreja. A obra é muito maior e muito mais importante do que qualquer um de nós.

Com tôdas estas opiniões em mente e empolgados pelo que tínhamos recolhido para apresentar à nossa mocidade, voltamos ao nosso trabalho diário, com um apêlo; vamos fazer nossa parte para a concretização dêstes sonhos tão importantes ao crescimento da nossa querida Igreja.

Alípio da Silva Lavoura
São Caetano — S.P.

Trovas

Vê os teus pés! Toma tento!
Pois na senda em que êles vão
podem levar-te ao tormento
de um rumo que não é são...

Não descuides. Sê ligeiro!
Os teus pés talvez te enganem.
Podem levar-te a um roteiro
de onde mentiras promanem.

Sê cauteloso. E dest'arte
dá-lhes conselhos mansinhos...
— que deixem, por tôda a parte,
rastos de luz nos caminhos...

PEREIRA DE ASSUNÇÃO
Niterói — Est. do Rio

Um Novo Mandamento

Amar como a si mesmo, eis o preceito
Que mais tem transgredido a humanidade;
Por ter perdido o senso do direito,
O mundo se olvidou da caridade.

Amar sem distinção, dom esquecido
Até pelo que salvo julga estar.
O nosso coração, quando ofendido,
Costuma ser tardio em relevar.

Amor padrão, aquêle que fizera
O Redentor na cruz, orar por nós,
Como é perfeito e como Deus quizera

Que os homens se estimassem com ternura,
Perdoando ao inimigo mais feroz,
Vendo um irmão em cada criatura...

CREMILDA LOPES PEREIRA
Vila Isabel — Rio

A Religião Verdadeira

Há onze grandes religiões no mundo, sub-divididas em mais de mil denominações... Pode alguma considerar-se a verdadeira?

CONTA Walter Scott que uma criança nobre foi roubada por ciganos e conduzida a terras estranhas onde cresceu ignorando sua alta estirpe. Embora herdeira de fortunas, vivia ela a vida errante de infelizes ciganos.

Coisa estranha: por vêzes, algumas memórias fugídias do passado lhe embalavam o coração. Sonhava que uma fada, de terna fisionomia se inclinava sôbre ela carinhosamente. Via, em sonhos, altas muralhas de suntuoso paláci̇o que lhe parecia familiar. Dir-se-ia que eram apenas devaneios da imaginação de criança e não correspondiam à realidade. Todavia representavam vestígios de uma nobreza que não se extinguira da alma. Um dia êstes sentimentos se tornaram tão fortes que a menina, embora expondo-se a perigos, fugiu do cativeiro em busca da região alcandorada que ela não sabia bem onde se encontrava, mas estava certa que existia.

É assim, inato, forte, dominante, o sentimento religioso. O anseio que sentimos por Deus, fonte de todos os valores supremos da vida, faz parte integrante da nossa constituição espiritual e não há como fugir dêle. É que somos filhos de Deus. Deus nos fez para ter correspondentes e nos fez de molde a só nos completarmos nele. Nossas almas foram feitas uma para a outra.

Por isto:

"Como a corça suspira pelas correntes das águas,
Assim a minha alma suspira por ti, ó Deus.
A minha alma tem sêde de Deus, do Deus vivo." (Sal. 42:1).

São experimentalmente verdadeiras as palavras de Agostinho: "Tu, ó Senhor, nos fizeste para ti mesmo; e o nosso coração não descança a não ser em Ti."

Poderá, êste sentimento, estar oculto hoje, sufocado amanhã; mas um dia, a bondade divina, o evangelho, algo que virá de Deus, uma provação, um vendaval tremendo, fará surgir dentro de nós, imperiosa, esta fome, esta insatisfação, êste anelo de nossas almas.

O SENTIMENTO religioso jamais desaparecerá. Muita manifestação grotesca ficará para trás, com o avanço da ciência e o raiar de maiores verdades. Permanecerá o essencial, a Verdade, o alimento puro, a água cristalina — Cristo e a pureza de sua religião que jamais desaparecerá.

Mas, deixou Jesus alguma religião? Sim, a religião espiritual que compreende a alma de tôdas as religiões, que sintetisa tudo o que

"A minha alma tem sêde de Deus, do Deus vivo"...

há de bom, súmula de tôdas as verdades. A religião que sobrar
para o futuro, a religião contra a qual as portas do inferno nunca
prevaleceram e jamais prevalecerão, a religião composta das almas
salvas em todos os tempos, antes e depois de Cristo.

Não uma religião assim como muitos pensam. Quem abrir os
evangelhos e ler a vida e os ensinos de Jesus, livre de preconceitos e
de idéias enxertadas, há de se surpreender com êste fato incontestá-
vel: Jesus não fundou religião nenhuma. Diferiu de todos os demais
fundadores de religiões, e nisto se evidencia a sua divindade.

Êle não deixou uma palavra escrita, não deu um dogma, não
construiu uma Igreja, não deu autoridades excepcionais a ninguém,
jamais disse que religião era hereditária, que passava de cabeça a ca-
beça através das mãos de alguém; os homens é que inventaram e até
se arrogaram coisas ridículas em seu nome.

Êle resumiu o seu ensino e ensinou aos homens como se viv[e]
em: "Amarás a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a ti
mesmo". A religião que Jesus deixou foi sòmente esta: a religi[ão]
do amor.

Mas eis que Êle se apresenta como a religião verdadeira. "Ê[le]
é a pedra viva", no dizer de São Pedro. Êle é a religião.

Esclareçamos: A palavra religião, etimològicamente, lança lu[z]
sôbre o que afirmamos. Origina-se ela do têrmo latino: **Religare**, qu[e]
significa reatar, religar, re-unir.

Eis a religião de Jesus, eis o que Êle fez. Êle é a religi[ão]
porque é através dêle que nós nos unimos a Deus e à eternidade;
por Êle que nós somos salvos. "Deus, em Cristo, estava reconcilia[n]-
do mundo consigo mesmo", no dizer de São Paulo.

Não por Igrejas, ou religiões, mas sim por Cristo, por e[...]
união com Deus através dêle. Religião, portanto, é andar pela vi[da]
em fora em comunhão, em uma indissoluvel união com Deus, entro[sa]-
dos em sua vontade e em paz com Êle.

Ilustremos. Certo filho, após ter trazido a vergonha e a d[or]
para dentro de seu lar e ter ferido mortalmente sua querida mãe
entenebrecido os dias de seu pai, fugiu de casa. Jogado, qual ovel[ha]
desgarrada, rolou mundo.

Passaram-se os dias e sua mãe, doente pelo seu amor, as[sim]
convulcionado, encontrava-se às portas da morte.

Já agonizante, fez o seu derradeiro pedido e êste foi no sent[ido]
de que trouxessem para casa o seu filho amado; ela ainda o quer[ia].

Mensageiros foram enviados e, finalmente, encontraram o f[ilho]
transfuga e o trouxeram para a casa. Ao chegar, a mãe tomou n[o]
alento e quase sem poder mover-se, tomou a mão do filho sôbr[e]

[pe]ito e juntou-a com a de seu espôso e pai; e assim, entrelaçando-os,
[mor]reu em paz. Morreu, mas trouxe o filho para casa e estabeleceu
[a paz e]ntre ambos.

Eis o que Cristo fez e faz sempre que alguém anseie pela ver-
[dade] por uma religião para o seu coração e sua alma. Cristo Jesus,
[...] do Calvário, com a sua mão de humano, toma a mão de todo
[...] arrependido que a Êle se chega com fé; e com a sua mão de
[...]ura na de nosso Pai, une-as sôbre a sua vida, estabelece, por
[mor]te vicária, esta união que ninguém pode quebrar. Amarra-nos,
[...] e ficamos religados a Deus por êste traço de união, para
[...] e sempre, no presente e no porvir. Eis a religião, a verdadeira
[religi]ão de Jesus.

A RELIGIÃO é essencialmente Pessoal. É de nós pessoalmente,
[...] livremente com Deus, sem a interferência de qualquer intruso
intermediário, desnecessário. "Segue-me tu", pregava Jesus.
[V]ide a mim". "Vem e segue-me". "Ninguém vai ao Pai a não
através de mim". Esta religião é vida. É a gente viver a Deus;
[...] no centro de tôdas as nossas ações.

Esta religião é a ideal, pois dispensa dinheiro, dispensa obras,
[...] que nem todos têm, ou nem todos podem praticar; isenta de
[...], porque Cristo já o fez. É um constante desafio. Tão
[sim]ples, tão facil, feita por Deus, para tôdas as almas, boas ou más,
[...] ou não, ricas ou pobres, para tôdas indistintamente. É a re-
[ligião] de Jesus, para todos os pecadores.

[É] também Universal. Para todos os tempos e lugares. Foi a
[religião] de Abel, de Abrão, de Jeremias, de Paulo, de Francisco de
[Assis,]de Gandi, de tôdas as almas boas.

Esta religião íntima se expressa em organizações, em Igrejas,
[as q]uais variam no tempo e no espaço, umas mais evoluidas, mais
[...], mais lógicas, mais razoáveis que outras, mais leais à Ver-
[dade e] a Cristo. Porém tôdas são meios para darem expressão e di-
[...] a esta experiência do coração da gente. Nenhuma é fim, nenhu-
[ma é perfei]ta; tôdas têm muitas imperfeições e gente bastante ruim em
[suas fi]leiras. Contudo, é com esta gente mesma que elas devem tra-
[balhar]. Jesus fez assim. Nenhum apóstolo era perfeito; mas juntos
[uns c]om os outros e com Cristo foram se aperfeiçoando. Os maus
[deve]m ser um estímulo a que nós sejamos bons; bons para com êles.

Foi esta a religião que Jesus comissionou os apóstolos e a todos
[...]s e seus seguidores para que a pregassem, em tôda a sua
[simplic]idade, em tôda a sua humildade e pureza. Portanto podemos
[afir]mar que a Igreja, ou religião, mais verdadeira, mais próxima ao

que deve ser, é a que mais prega Cristo como o Salvador dos hom... não a que se prega a si mesmo, mas a que prega a salvação atra... do sangue e da morte redentora de Cristo. É a que mais ele... aperfeiçoa o caráter humano. É aquela que mais consegue aproxim... as almas do ideal, da perfeição de Cristo. Aquela que mais ensina... homens a amar, a amar a Deus e ao seu próximo; sim, pois ... união com Deus é feita em base de amor, sòmente de amor, tanto ... dar como em receber; dêste amor de que Paulo nos fala: "E... persuadido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem ... principados, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem os pode... nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura, ... poderá separar do amor de Deus, que é em Cristo Jesus nosso Sen... (Rom. 8:38-39).

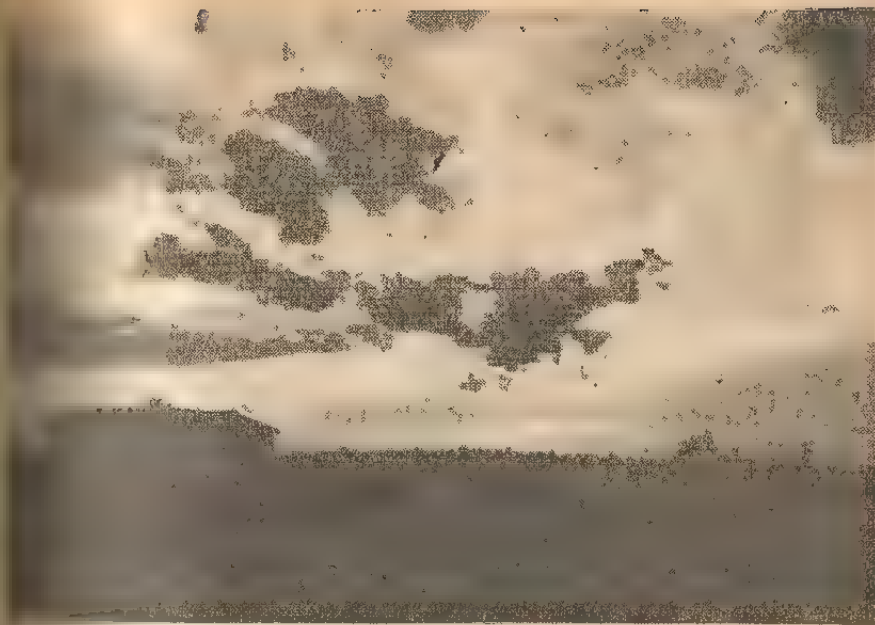
Certo dia vi uma criança correndo aflita atrás de sua mãe ... apressada, ia buscar algo na venda; a criança chorava e alguns espe... dores a chamavam, ofereciam-lhe presentes, queriam pegá-la; mas ... surda a tôdas as vozes, corria após sua mãe.

Assim é a alma verdadeiramente religiosa: uma vez com ... olhos fitos em Jesus Cristo, uma vez firmados nesta gloriosa ... riência da salvação, venha o que vier, mude o que mudar, venham ... desilusões, caia o que cair, rua tudo por terra, nós seremos leais à ... àquele que nunca desiludiu a ninguém. Êle é a pedra incorrosível ... séculos e a cabeça desta Igreja espiritual, a unidade na variedade

IRMÃO, chega-te aos pés da cruz, depõe aí o teu coração e com... hoje a viver esta religião, nesta amizade, nesta paz, nesta comu... que nada pode abalar, com o teu Deus. ¡E serás um cristão!

E agora que tens esta religião do coração, une-te a uma Ig... onde possas dar expressão a esta tua fé; à Igreja que se orienta ... de perto com os ensinos de Jesus; que se funda na Bíblia, Palavra ... Deus; a uma Igreja mais atual, mais progressista, onde possas ... a teus semelhantes e cultivar o teu espírito, certo de que não en... trarás uma Igreja perfeita; mas onde, por ela, para ela e com ... possas: Ir por todo o mundo e pregar esta verdade, o evangel... tôdas as criaturas, para a salvação de almas e do mundo; ... Cristo é ainda a única esperança.

"Estas coisas foram escritas para que creiais que Jesus ... Cristo, o Filho de Deus; e para que, crendo nele, tenhais vida ... seu nome".

Geraldo Daniel Stédile
Cruz Alta — R.G.S.

...da tarde" Foto de Benjamim Henriques

...ntimentalismo ou Capacidade de Sentir?

Quem já sentiu um nó na garganta ao contemplar um pôr-de-sol? ...uma vontade louca de dizer alguma coisa e não sair nada? Quem ...viu na rua uma velhinha que, cansada de tanto andar em busca do ...diário, se encosta a um pequeno muro, larga a sua trouxa no chão, ...para o infinito e deixa uma lágrima quente escorrer pela face? Há quem chame a isto de sentimentalismo. Talvez. Não sei. ...coisa, porém, sei: Deus dotou-nos de uma certa capacidade de ... as coisas ao nosso redor. Se assim não fôra, o mundo seria bem ... Que seria da vida se êsses pequeninos encantos e desenganos ... compõem não fôssem percebidos e sentidos?

Um grupo de crianças participava de um pique-nique numa ... de domingo. Já pelo fato de ser domingo e também porque ...que tais passeios são ricas oportunidades para conduzir as crian... ...uma experiência real de adoração, sugeri que, pelo caminho, ...semos descobrir o maior número possível de coisas belas.

Cada um, porém, deveria guardar segrêdo até o fim da jornada, até a hora do culto, quando se daria a revelação. E assim fomos andando sem falar muito, apenas sorrindo de vez em quando, sinal de que havíamos encontrado uma coisa bonita.

Chegamos ao nosso destino. As crianças se formaram em círculo. Seus olhos brilhavam de alegria, esperando apenas a sua vez de contar o seu segrêdo.

— Quantas coisas belas poude você descobrir? disse apontando para uma criança.

— Céu azul, nuvens, pássaros, o rio...

E apontando para outra criança perguntei-lhe:

— E você viu alguma coisa linda além das que já foram mencionadas?

— Eu vi uma porção de pombos logo que saimos da igreja, respondeu o pequeno.

— E você?

— Eu vi caquis e flôres no quintal de uma casa.

E os segredos foram todos revelados.

Momentos silenciosos se seguiram numa contemplação muda numa adoração perfeita ao Criador dêste mundo maravilhoso.

Lembro-me de quando criança, meus irmãos e eu, quando o céu se escurecia e aquelas nuvens cinzentas corriam bem baixo através do espaço, dizíamos: "Vem chuva. Vamos ajuntar as latas." E assim corríamos pelo quintal todo à procura de latinhas e latas de tôda a espécie: latas vazias de óleo, massa de tomate, banha, marmelada. Às vezes conseguíamos u'a maior e, então, as colocávamos tôdas na calçadinha ao redor da casa, bem em baixo das pontas das telhas, por onde a água da chuva em breve escorreria. Tudo pronto, nos púnhamos à janela ou à porta para "ver" o barulho da chuva nas latas. E a chuva vinha forte e pesada. Precisávamos entrar. De dentro da casa ouvíamos o barulho que a chuva fazia ao cair do telhado para nossas latas. Conforme o tamanho ou forma da lata a chuva produzia um certo tom de som: Pem! Pim! Pom! Era a nossa orquestra tocando!

Sentimentalismo? Brinquedo de criança? Talvez. Diga assim quem quizer. Mas para mim é o éco da harmonia divina nesse sentimento puro de alma da criança. E' que a criança, ainda livre de preconceitos sociais, responde mais prontamente à harmonia do Universo.

Deus dotou-nos desta capacidade de sentir. E é através do sentir que Deus se torna visível a nós.

Albertina Damasceno

Ribeirão Preto — S.P.

UM DEDO DE PROSA

— Olá, D. Escolástica, a senhora tem andado sumida. O que foi que houve?

— Você sabe, a gente vai envelhecendo e o reumatismo começa a "coçar" o nosso corpo. Desta vez estive de "môlho" mais tempo do que esperava. Mas, você nem sabe da vontade que eu estava de conversar um pouco sôbre uma porção de coisas que têm feito cócegas na língua.

— E...

— Pois é, meu bem: à minha casa vão muitas pessoas e falam sôbre muitos assuntos da Igreja. E o que acho incrível é a questão de presidentes de Sociedades que não tomam interêsse no envio de relatórios. De moços que deveriam trabalhar em seus Departamentos e nada fazem. De sócios que assumem responsabilidades e depois nada realizam. Imagine só o que dirá a geração futura que está entrando na vida agora?...

— Infe...

— Alto lá! Não pronuncie essa palavra. Já ouvi dizer que há algumas nas Federações que não a suportam e se a virem na Cruz de Malta ficarão zangadas. Em casa falam muito em Federação, em Cruz de Malta, e é por isso que fico sabendo dessas coisas. "Me disseram que as palavras "infelizmente" e "lamentàvelmente", são quase generalizadas na correspondência enviada às Federações. Um presidente com o qual me dou muito "me disse" que elas vêm sempre antes de comunicações de apêlos fracassados: "Escrevi para fulano pedindo os endereços; **infelizmente**, até hoje não recebi nada". "Apelei para o pastor colaborar com tal sociedade, assistindo pelo menos às reuniões de negócios. **Lamentàvelmente**, êle nem tomou conhecimento...

— Mas, D. Escolástica!...

— Já sei o que você vai dizer: "não será falta de tempo?"... Ainda há poucos dias, "me disseram" que um tal Renato Khell escreveu o seguinte: "A falta de tempo é a desculpa de quem não tem tempo por falta de método". Acho mesmo que essa história de falta de tempo, já é uma desculpa velha e que precisa desaparecer. Quando a gente tem que fazer alguma coisa, não pode deixar para depois. Deixar as coisas para "mais tarde", vive atrapalhando muita gente...

— Mas, D. Escolástica, entre um pouquinho!...

— Não posso, filho. Eu já vou!...

CUIDADO!

COM A ESCOLA DE DEGENERAÇÃO QUE DESAFIA O BRASI

HÁ ANOS atrás, quando uma criança desejava recrear o espírito e e lear-se no mundo da fantasia, procurava o pai e dizia-lhe tern mente: "Papai, conte-me uma história." E o papai, a mamãe e avozinha andavam sempre em dia com as histórias de Anderson, mãos Grimm, Schmidt, Monteiro Lobato e as fábulas de Esopo e La Fontaine.

Eram histórias que deixavam no coração da criança a seme tinha do bem para ser cultivada pelos anos afora, ajudando a plasm o caráter de homens e mulheres que trabalhariam pelo bem da fam lia e da pátria.

Um dia, porém, alguns homens se arvoraram em contador de histórias para crianças. Foram então aparecendo as revistas co êste lembrete: PRÓPRIAS PARA CRIANÇAS ATÉ 11 ANOS. Un a uma, as revistas juvenis foram invadindo os lares e nunca ma milhares de pais ouviram os filhos pedir que contassem uma hist ria. Agora, pediam autoritàriamente: "Papai, me dá dois cruzeir pr'a comprar o Gibi".

Foi aí que teve início o envenenamento de quase tôda uma g ração indefesa. Hoje, a sub-literatura infanto-juvenil, é uma escola degeneração. Os fundadores do "Gibi", "Globo Juvenil", "Gibi Me sal", "Globo Juvenil Mensal", "Superman", "O Lobinho", "Guri "O Herói" e "Biriba", enveredaram-se pelo caminho do sensacio lismo pútrido e barato, desprezando a sensibilidade da criança troca de polpudos lucros para as suas bolsas já recheiadas. Fizer da criança brasileira a seiva nutritiva para as suas insaciáveis am ções.

A Escola de Degeneração é eficiente. Fomos a várias bancas jornais e compramos revistas infanto-juvenis de todo o tipo. Dos no tipos de revistas que examinamos (3 exemplares no mínimo de cad fomos encontrar as seguintes matérias:

ASSASSÍNIO — Crime passional e latrocínio. O assassin é sempre um meio para se chegar a um fim sinistro. Mata-se para h dar fortuna, para impedir casamento, enfim, a morte é pivot de tô as histórias em quadrinhos.

Cada assassinato é apresentado com os melhores "planos"

executados com engenhosidade digna dos maiores criminosos mu-
diais.

SUPERSTIÇÃO — São frequentes as histórias sôbre feitiça-
lobishomem, deuses e deusas de tribus africanas e animais consid-
dos divindades. Matéria, como se vê, sórdida, que apresenta uma ve-
dadeira bacanal de crenças, costumes e mentalidades taradas.

Em carta dirigida ao "Diário de Notícias" um pai declarou q-
o seu filho no tempo em que era leitor dos "Gibis", "Globo Juve-
et cetera, dificilmente tinha sono tranquilo; durante a noite era a-
metido de constantes pesadelos. Proibida a leitura, curou-se imed-
tamete.

ROUBO — Técnica apurada de assaltos de bancos, tesou-
enterrados por piratas (ficção de história de antanho com uso de -
tralhadoras e bazucas), assaltos a mão armada pelas costas, ba-
res de carteiras, uso de menores para prática do furto etc., são os e-
mentos básicos para compelir os leitores infantis ao roubo.

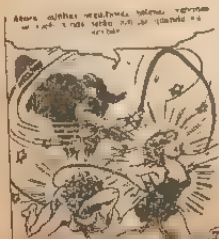
CHANTAGE — Processos de extorquir dinheiro das víti-
com os mais cínicos processos, quadrinho por quadrinho. O seg-
inconfessável de uma pessoa pode servir de motivo à chantage:
"Não dá o dinheiro exigido?" "Então todo o mundo saberá". Al-
da chantage, a delação como decorrência.

ÓDIO DE RAÇAS — Decorridos 3 anos e meio do fim da gu-
ra, ainda se vê o tipo de história que apresenta os alemães e jap-
ses como monstros que precisam ser eliminados da face da terra.

Nestas histórias, que também incutem o espírito guerreiro
criança, os heróis só sabem defender as liberdades com uma boa m-
tralhadora.

DESPREZO PELA CIÊNCIA — Somam-se às dezenas as h-
tórias de cientistas loucos, sempre atrás de fórmulas científicas,
fim de as usarem contra o próximo e escravisarem a humanid-
Transformam homens em irracionais, dominam planetas e invent-
maquinismos para roubar, matar e saquear cidades inteiras.

Biografias de Oswaldo Cruz, Pasteur, Erlich, o casal Cu-
centenas de notáveis cientistas? Nada!

SEXUALISMO — O apêlo sexual não poderia estar aus-
de uma escola tão bem organizada, segundo a didática do crime e
corrupção. Assim, em um número considerável de
tórias, as heroinas usam escassos "shorts". A re-
"O Heroi" distingue-se de tôdas as outras. Suas
roinas vestem "maillot" até nas histórias que têm
cenário as geleiras do Tibet. Na secção de correspond-
14 leitores pedem mais aventuras de Sheena, uma

mais despidas das revistas "próprias para meno-
res de 11 anos".

E o Diretor promete mais...

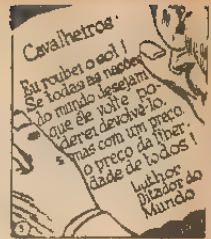
JOGO — Repetem-se as cenas de casinos com os
personagens fazendo apostas vultuosas e a trapaça na
mesa. O jôgo é proibido no Brasil, mas os professores
da escola da degeneração continuam fazendo propaganda
dêle.

Cada uma das histórias, traz, comumente, todos êstes males de
uma vez. E a variedade ainda impõe que se inclua a traição, ambi-
ção desenfreada, cenas de cabaret, mentira, linguagem de baixo ca-
lão, tôdas as feridas do crime.

Tão eficiente escola teria, forçosamente, de dar os resultados
esperados: muitos de seus formandos já fizeram jús ao diploma. Nos
Estados Unidos, de onde recebemos as histórias das revistas pernicio-
sas, as autoridades andam às voltas com a delinqüência infantil. A
primeira providência tomada contra a onda de crimes praticada pelos
menores foi a campanha contra as más publicações infanto-juvenís.

No Canadá, um juiz, encarregado de funcionar num processo
envolvendo dois meninos influenciados pelos "comics", expressou a
sua indignação contra as revistas dêsse jaez, classificando-as como
"pior do que lixo". No Rio de Janeiro, um menor, assassino de um
chefe de família numerosa, ao ser prêso trazia no bolso um exemplar
do "Gibi". Em São Paulo, dois meninos, seguindo as histórias em
quadrinhos, foram brincar de "mocinho e bandido". Apanharam o re-
vólver do pai e o mais velho inocentemente dando no gatilho matou
o irmão com um tiro no peito. Nos Estados Unidos, dois garotos
querendo imitar um cientista louco nas suas experiências, puseram fo-
go em uma casa.

São êstes, apenas, alguns exemplos entre centenas e milhares
que ficam anônimos. O espetáculo da geração "Biriba" e "Gibi" é
triste e lamentável. Vejam como a "cola" é hoje processo comum
nas escolas, como os professores se vêem às voltas com alunos auda-
ciosos e como a boçalidade campeia solta.

A nefasta sub-literatura infanto-juvenil tem os seus tentácu-
los sôbre todos os Estados brasileiros. A tiragem do "Globo Juvenil"
e "Gibi Mensal" atingem a 200.000 exemplares cada uma e são ven-
didas a Cr$ 2,00. Podemos deduzir pela tiragem destas duas que são
as mais lidas e das outras sete que devem atingir uma tiragem de
100.000 que, pelo menos 1.500.000 crianças estão lendo e tomando li-
ções da escola do crime.

Em boa hora o matutino "Diário de Notícias", do Rio de Ja neiro, iniciou uma campanha contra as insidiosas publicações infantis. Os primeiros resultados já começaram a aparecer. Na Câmara dos Deputados, o deputado Aureliano Leite apresentou um projeto de emenda ao artigo 141 § 5.º da Constituição em que estende a censura das diversões públicas às publicações para crianças.

O primeiro Congresso para estudo dos problemas do Distri- Federal, organizado pela U.D.N., dirigiu-se à Câmara dos Deputad- pedindo aprovação do projeto do Sr. Aureliano Leite, lembrando tam bém os programas de rádio, com novelas tão prejudiciais quanto a histórias em quadrinhos.

Cremos, no entanto, que o "boicote" seria o melhor caminho contra os mercadores de vidas infantis.

Entre as revistas infanto-juvenis destacamos algumas que são boas e merecem uma menção honrosa, entre elas o "Tico-Tico", a mais antiga do gênero no Brasil e que se mantém numa linha de condu- elogiável, mesmo em face da concorrência desigual.

Algumas estão surgindo e, certamente, merecem apreciaç- Entre elas podemos citar "Sesinho" e "Vida Infantil", em São Pau lo, "A Gazeta Juvenil" e o "Bem-te-vi" de nossa Igreja, que são real mente adequadas à infância e atendem às suas necessidades lite- rias. Há biografias de brasileiros ilustres e grandes vultos da hum- nidade, lições de português, matemática e geografia; poesias, de- nhos para colorir e histórias em quadrinhos de fundo moral apro- tável, tôdas de autores nacionais.

As revistas "Sesinho" e "Vida Infantil" estão com uma tirag- de 50.000 e 57.000, repectivamente. Na redação de "Sesinho" dis- ram-me que a tiragem vai ser aumentada, indício de que estão fi- cando o "Gibi" e congêneres pela boa literatura.

O êxito financeiro da perniciosa literatura infanto-juvenil e- corajou o aparecimento de outras revistas venais destinadas à moci- de. Aí estão: "Grande Hotel", "Riso", "Governador", "Seleções H- morísticas", "Clube dos Amores", etc..

Torna-se urgente passar o bisturí nesse quisto nacional.

Enquanto a perniciosa literatura infanto-juvenil e as revis- venais para os adultos ganham terreno e se multiplicam, uma an- tiosa interrogação paira à frente dos nossos olhos: Qual será o d- tino da nossa pátria?

É claro e evidente que o Brasil merece que os seus filhos n- sejam formados na escola do crime e da venalidade!

João E. Gonçal-
Jardim Botânico —

...por Ary Veiga Pinto, presidente da SMJ Central de Belo Horizonte, ês- ... visitam Dona Maria Rita no seu barracão, numa tarde domingueira.

HISTÓRIA DE UM BARRACÃO

UMA das visitas dominicais da "Companhia de Dispenseiros" conheci Dona Maria Rita. Seu quartinho de adobe ficava ... um grupo de barracões dispostos em forma circular, a ... de uma taba indígena.

... nosso trabalho, retiramo-nos dalí, certos de que aquêle ... era próprio para ela. O quartinho estava na iminência ... sôbre ela, e na época das chuvas ficava completamente ... Além disso, conforme ela mesma o disse, vizinhos alcooliza- ... em constantes desavenças provocando, por vêzes, a inter- ... socôrro policial.

... dali resolvidos a fazer algo por ela. Nosso primeiro pen- ... o de reformar seu abrigo, mas tão precário era seu esta- ... mais prático seria derrubar tudo e construir de novo. O ... pois encontrar um outro local, o que ficou logo resol- ... Dona Rita conseguiu de uma sua conterrânea licença ... seu abrigo ao lado de um barracão daquela, lá no lon-

gínquo Parque Jardim. E lá fomos nós visitar o local, tratar
condições e calcular o orçamento. O mais difícil seriam as têlh
que iriam aumentar em muito a despesa. Resolvemos ganhá-
Abiléo Ziller escreveu uma carta ao Secretário de Educação e
dia lá fomos nós para saber a resposta. Esperamos muito para
mos atendidos, mas afinal ganhamos as têlhas. A madeira conse
mos pelo mesmo método. E listas de arrecadação fizeram o rest

E foi assim, que num abrir e fechar d'olhos, lá estava Dona
preparando a mudança, para deixar de vez aquêle local. Não
minou o nosso trabalho. Daí para cá têmo-la visitado regularme
levando-lhe nosso apôio moral e material.

Um belo domingo, visitá-mo-la por ocasião de seu aniversá
Sempre amável, recebeu-nos de braços abertos. Conversamos lon
mente com ela, e tivemos oportunidade de ouvir um pouco de
história. Cantamos depois alguns hinos e realizamos nosso culto
tumeiro. No final fomos surpreendidos com uns dôces que ela
especialmente para nós...

Dona Rita é uma velhinha de 83 anos de idade. Cega de
vista e bastante enfraquecida, sente já o pêso dos anos. Teve
vida agitada e caminha agora para o seu ocaso. Está na época
que falam mais alto as vozes interiores, e procura entregar-se à c
e à solidão. Entretanto, é sempre com um sorriso que ela receb
moços e moças da Sociedade de Jovens. E fulano, porque
veio?... e fulana?...

Sua feição revela o prazer da nossa presença. Na saída a
panha-nos até a porta e fica a observar-nos até desaparecermos.

Dona Rita não é um caso extraordinário, como o seu
outros estão por aí como que a nos desafiar. Nossa última pal
é um apêlo muito sincero para que outros moços da Central de
Horizonte e de outras sociedades, compreendam o valor e o alc
dêsses trabalhos de ação social.

Ary Veiga Pinto
Central — Belo Horizon

O ARTIGO das páginas 20 a 24 é composto de trechos do excelente
"A Religião Verdadeira", escrita pelo pastor Geraldo Stédile. Sugerimos o uso
se livreto para trabalho de evangelização com pessoas não-crentes. A sua
tação é agradável e interessante e o seu preço pequeno: Cr$ 2,00 por exempla
pedidos podem ser feitos à Imprensa Metodista.

RETIFICAÇÃO — Pede-nos o Rev. Afonso Romano Filho retificar um
pressão da linha 28 da página 26 da Cruz de Malta de janeiro, no seu artigo
vendando o Espiritismo'. Alí faz-se referência a um "espírito" chamado "pai
e mais tarde (na página 29) a outro chamado "pai Jacó". A referência é
mo "espírito", e o correto é "pai Jacó". A emenda é para que fique estab
a veracidade dos fatos.

…EJA DE SANTO ANDRÉ, S. P., que durante anos foi obrigada a adorar
um minúsculo porão, possui agora o maior templo evangélico da cidade
dêste milagre moderno prende-se à imaginação fértil do pastor, Rev.
Nascimento e à colaboração irrestrita dos membros que são quase todo-
O Rev. Natanael, vendo a necessidade urgentíssima de abrigar a congre-
num lugar mais próprio e mais condizente com sua necessidade de cresci-
teve a idéia de construir um templo de "brasilite" — a nova matéria de
usada nas casas pré-fabricadas. O construtor metodista, Sr. Santos Cos-
a responsabilidade pela obra e em um mês erigiu o templo que vemos
afia — ainda incompleto — mas majestoso e belo, custando a fração
de tamanho igual de alvenaria. Mais de 300 pessoas estiveram pre-
ocasião da inauguração desta nova Casa de Oração. O seu exemplo será
ção para muitas outras igrejas que lutam com dificuldades semelhantes.

Tenham Paciência!

II

— Tenham paciência! Preciso viajar neste bonde, de qu quer maneira! A senhora vai saltar? Então, deixe-me passar Pisei seus pés? Desculpe...

Encolhi as pernas para a moça passar e não me pisar nov mente. Ela vinha cheia de embrulhos e, ainda por cima, guarda-chuva molhava tôda a minha roupa. Ofereci-me para gurar seus pacotes e, abraçada a êles, procurei lembrar o que co versara com D. Finoca.

— Sim, ela tem razão. A gente reclama tanto dos explo dores do comércio... Deve haver alguém que pense diferente, não procure enriquecer à custa do câmbio negro... Deve hav alguém... Quem sabe somos nós, os moços crentes? Talvez! D. Finoca já deu uma boa idéia! Uma Cooperativa! Mas... u Cooperativa? Talvez não dê certo! Exigirá muita despesa e

— Faça o favor!

Era o condutor. Chegou numa hora atrapalhada! Estra meus pensamentos! Que coisa! Nem no bonde a gente pode n pensar sossegada! Paguei a passagem e voltei às minhas con derações:

— É... fica muito caro para começar Porém... uma gra ja... Sim Uma granja..

Resolvi não pensar mais no assunto. Mas... qual! Ne momento entrou no banco uma senhora gorda, muito gorda, ta vez mais gorda que a D. Finoca.

Como não pensar no assunto de D. Finoca?

E voltei a conjecturar:

— Poderíamos ter uma granja, para começar. Criariam galinhas, patos e marrecos... Depois, viriam os ovos! Estão ros os ovos na cidade... Tôdas as igrejas saberiam que os ov de nossa granja são mais baratos e são fresquinhos .. Todos meçariam a encomendar ovos para uso comum, para festas casa, para festas nas igrejas... Boa idéia! E... e... e os gr jeiros? Eu não entendo de galinhas, nem de patos, nem de ma recos. Que caso sério! E a idéia da D. Finoca foi tão boa Quem sabe a gente encontra alguém para cuidar da granj Nada! Os moços gostam de sossêgo! Só se aparecer alguém boa vontade, como me disse a D. Finoca... E... quem sabe? V falar com...

— Ponto de secção!

Eu precisava saltar, diante do aviso do condutor.

Lá se foram os cinqüenta minutos de viagem para pensar Bem, mas alguma coisa eu fiz: cheguei até a Granja, só faltam os granjeiros.

— Tenham paciência!

Judith Tranjan
Vila Isabel — Rio.

[E]STUDOS DO CINQÜENTENÁRIO

...amos, êste mês a série de estudos subordinados ao tema "Guarda bem a tua ... referentes ao nascimento e crescimento do Metodismo brasileiro.

DIA 6 — A MISSÃO QUE FALHOU — DIA 6

A visita de Fountain E. Pitts

...ado o descobrimento do ...ndo, as portas dos paí... ...ino-americanos ficaram ...s contra o Protestan... A intolerância que ca... ...u a Espanha e Portu... ...conservou nos países la... ...mericanos por mais de ...ulos. Só depois de rom... ...om os laços que os pren... ...a pátria-mãe e ganha... ...ua independência é que ...ou a manifestar um es... ...mais liberal e tolerante. ...ista disto, os evangélicos ... que havia chegado a ...de fazer neles a propagan... ...um cristianismo mais ...liberal Em 1832 o Con... ...ral autorizou os bispos a ...em a situação, mandan... ...em para investigar *in* ... condições, para ver se ...ute havia chegado a hora ...o trabalho nos países sul ...anos. Logo depois, o Bis... ...es O Andrews nomeou ... Fountain E. Pitts, da ...ência Anual de Tennes... ...ra esta importante mis...

...Rev. J. L. Kennedy assim ...os fatos a respeito desta ...a América do Sul. "No ...de junho de 1835 partiu ...de de Baltimore para o ...no dia 19 de agôsto de... ...ou no Rio de Janeiro. ...meçou logo seus trabalhos ministeriais naquela cidade, pregando em casas particulares. Assim foi iniciada a pregação do Evangelho pelo primeiro ministro metodista que implantou o reino de Deus nesta região do Novo Mundo. Ali organizou uma sociedade metodista. Depois embarcou para Montevidéu, onde pregou por algumas semanas, organizando também ali uma igreja. Então, a bordo de um navio, atravessou o estuário do rio da Prata, viajando 150 milhas até a cidade de Buenos Aires — objetivo especial do seu trabalho. Nessa cidade começou o seu trabalho regular sob perspectivas animadoras, sendo muito abençoado por um gracioso derramamento do Espírito Santo, que resultou na conversão de varias pessoas Organizou uma respeitável igreja que se compunha dos melhores elementos da cidade e tomou medidas preliminares para se levantar uma casa de oração, o que depois se tornou uma realidade

"O Rev Pitts voltou para os Estados Unidos, ali chegando na primavera de 1836

"Segundo o bispo Wilson, no livro intitulado "Missions of the M. E. Church, South" (1882), o Rev. Pitts visitou o Rio de Janeiro, Buenos Aires e outros lugares, recomendando que se estabelecessem missões nas duas cidades supramencionadas. Mesmo naquele tempo tão remoto

disse que aquela gente estava sendo influenciada pela convivência com estrangeiros e tinha o coração aberto para o Evangelho. Em consequência do seu relatório, deixou profundamente enraizada nas mentes e nos corações dos "líderes" da nossa Igreja a convicção de que do Brasil tinha vindo um real grito macedônico — "Passa ao Brasil e ajuda-nos" e a Igreja-mãe atendeu imediatamente a essa voz com o propósito firme de entrar nesse campo para colher fruto para os celeiros do Senhor".

2. *Spaulding e Kidder*

O relatório do Rev Pitts sendo favorável ao estabelecimento do trabalho missionário no Brasil, o Rev. Justin Spaulding, sendo nomeado para abrir trabalho no Brasil, embarcou em Nova York, aos 22 de março de 1836.

O Rev Spaulding achou o povo bem disposto ao evangelho, especialmente entre os estrangeiros que falavam o inglês. Logo organizou uma congregação de quarenta e tantas pessoas e também uma escola dominical. Distribuiu muitas Bíblias em português entre o povo

Vendo que o trabalho ia bem, desejava mais obreiros. Pediu mais trabalhadores. A Sociedade de Missões mandou mais três auxiliares: Daniel P. Kidder e K. M. Murdy e esposa. Estes chegaram no Rio de Janeiro em fins de 1837. Estudaram português e distribuiram as Escrituras Sagradas e folhetos. A esposa do Rev. Kidder faleceu em 1840 e foi sepultada no "Cemitério dos Ingleses", no bairro da Saúde. O Rev. Kidder teve de voltar para os Estados Unidos levando seu filh[o]nho nos seus próprios braço[s].

Sofreram grande oposição [e] perseguição. O padre Luiz Gon[ç]alves dos Santos não deixou [de] falar dêles. Assim disse o Re[v] Kennedy: "De 1837 a 1839 o pa[]dre (depois monge) Luiz Gon[ç]alves dos Santos, autor d[as] "Memórias para a História d[o] Reino do Brasil", publicou v[á]rios volumes contra esta propa[]ganda, que verberou em têrm[os] vigorosos e grosseiros. Num[a] delas dizia que o Protestanti[s]mo era o reino do diabo. Ad[]mirava-se e explicava: "Com[o] é possível que, na Côrte do Im[]pério da Terra de Santa Cru[z], à face de seu Imperador e [d]tôdas as autoridades eclesiást[i]cas e seculares, se apresente[m] homens leigos, casados, com f[i]lhos, denominados missionári[os] do Rio de Janeiro, enviados p[or] Nova York por outros tais com[o] êles, protestantes calvinist[as] para pregar Jesus Cristo a[os] Fluminenses?!'!... Coisa inc[rí]vel! mas desgraçadamente ce[r]tíssima. Êstes intitulados mi[s]sionários estão há perto de d[ois] anos entre nós, procurando co[m] atividades dos demônios perve[r]ter os católicos, abalando a [fé] com pregações públicas na s[ua] casa, com escolas semanárias [e] dominicais, espalhando Bíbli[as] truncadas e sem notas, emfi[m] convidando a uns e a outros pa[ra] o Protestantismo e muito esp[e]cialmente para abraçar a se[ita] dos metodistas, de todos os pr[o]testantes os mais turbulent[os] os mais relaxados, fanáticos, hi[]pócritas e ignorantes."

3. *A escola dominical*

Em 1836 organizou-se uma [es]cola dominical composta de a[lu]nos que falavam o inglês e português. Mas o ensino [e]m português. Esta escola [deu] melhor resultado do que [qualquer] outro serviço que êstes [missio]nários realizaram.

4. *O fim da missão*

[O Rev] Spaulding ficou no [Brasil] até o ano de 1841, quan[do volto]u para sua terra. Não [se sabe] com segurança quais [foram] os motivos da sua retira[da e] dos demais obreiros, mas [sem d]úvida foi o estado perturbado em que se achava a Igreja-Mãe, sôbre a questão da escravidão, que a dividiu em 1844.

Com a retirada dêle cessou a obra metodista por cêrca de vinte e cinco anos, mas a boa semente ficou lançada no sólo fértil do Brasil para ser despertada e cultivada mais tarde .

A tentativa não foi uma derrota completa: a interrupção era trégua para se renovar o trabalho no futuro com mais vigor e fôrça".

DIA 13 — A MISSÃO RANSON — DIA 13

1. *O trabalho de Newman*

[Por] vinte e cinco anos o tra[balho] metodista ficou paraliza[do no] Brasil. Quando a Missão [Spa]ulding e Kidder falhou e [os obreiros] voltaram para os Estados [Unido]s, parecia que o metodis[mo] no Brasil tinha falhado [com]pletamente. A causa prin[cipal] deste fracasso talvez fôsse [o cisma] que se deu no metodis[mo] nos Estados Unidos, por [causa] da escravatura. O pro[blema] da escravatura tornou-se [séri]o, que provocou uma [guerra] civil que durou quatro [anos]. Seja, pois, como fôr, a [missão] fracassou e o trabalho [foi] suspenso por muitos anos. [De]pois da guerra civil, diver[sas f]amílias do Sul dos Estados [Unid]os, que tinham sofrido mui[to por] causa da guerra e da po[lítica] que estava em vigor, re[solvera]m abandonar a pátria e [procu]rar outras terras onde po[dess]em recuperar as suas fortu[nas].

[Entr]e essas famílias que vie[ram] para o Brasil, havia alguns [metodi]stas e um pregador me[todist]a, o Rev. Junius E. Newman. Chegando no Brasil, o Newman procurou conservar a vida religiosa dos imigrantes, promovendo cultos públicos de pregação. Assim, organizou uma congregação de 40 pessoas que falavam a língua inglesa.

Não satisfeito com o trabalho que vinha fazendo, queria que o Evangelho fosse pregado aos brasileiros. Para conseguir isto precisava de ajudantes. Esta falta de obreiros o levou a apelar para os bispos e outros oficiais da Igreja Metodista nos Estados Unidos. Depois de algum tempo, a Igreja Metodista resolveu atender a êsse apêlo. O primeiro missionário enviado foi o Rev. J. J. Ranson, que chegou no Brasil em 2 de fevereiro de 1876.

O Rev. Newman continuou como superintendente da Missão até 1879. Em 1890, após 14 anos de residência no Brasil, voltou para os Estados Unidos onde veio a falecer em Point Pleasant, estado de West Virginia, em 1896

2. *O trabalho de Ranson*

Logo que o Rev. Ranson chegou no Brasil, passou algum

impossível. Não se deve encetar trabalho novo sem a possibilidade de mantê-lo. Havia lugares na Inglaterra em que Wesley nunca entrou, mesmo quando foi convidado para fazê-lo. A razão disto é que não quis abrir trabalho novo sem a possibilidade de mantê-lo. Esta tem sido a política que os metodistas têm seguido, no Brasil. O lema, pois, deve ser: *Não avançar mais rapidamente do que a capacidade para manter e conservar a obra iniciada.*

2. *O trabalho educativo*

Deus não premeia a ignorância. O crente pode ser ignorante, mas não deve ficar na ignorância; antes, procure aumentar os seus conhecimentos. O fundador do Metodismo deu grande importância à educaçao e instrução do povo, por isso se esforçou para fundar escolas, publicar revistas, panfletos, tratados, livros, folhetos, etc.. Queria pôr na mão dos crentes literatura cristã e sadia.

O trabalho no Brasil tem seguido o mesmo rumo. Há mais escolas metodistas no Brasil em proporção ao número de membros da igreja do que ha nos Estados Unidos Existem atualmente as seguintes instituições: O Instituto Granbery e sua filial em Goiaz, O Colégio Bennett, O Colégio Izabela Hendrix, O Instituto Central do Povo, na Região do Norte; o Colégio Piracicabano, o Ginásio Americano de Lins, o Insituto Educacional de Marília, o Instituto Noroeste de Biriguí e o Instituto Metodista, na Região do Centro; o Instituto União, o Colégio Centenário, o Colégio Americano, o Instituto Pôto Alegre e sua filial, e o Instituto Educacional de Passo Fundo, na Região do Sul. Eis as dezesseis instituições onde a mocidade brasileira pode e[...] car-se! Sem dúvida h[...] mais escolas fundadas em [...] tras regiões, no Brasil, no [...] correr de mais alguns an[...]

3. *O trabalho social*

O trabalho social se man[...] tou relativamente cedo na [...] metodista do Brasil. Pass[...] muitos anos antes de se p[...] em tal trabalho nas ig[...] evangélicas nos Estados Un[...] e na Europa. Só nestes [...] mos anos é que as igrejas [...] começado a preocupar-se c[...] serviço social.

A primeira tentativa de [...] o trabalho social na Igreja [...] todista, no Brasil, se deu [...] 1906, no Rio de Janeiro O [...] H. C. Tucker, Agente da [...] ciedade Bíblica American[...] interessou pelas classes [...] privilegiadas, na grande ci[...] do Rio de Janeiro e fund[...] Missão Central, situada na [...] do Acre, que mais tarde to[...] o nome de Instituto Centr[...] Povo e foi transferido da [...] Acre para a rua Rivadavia [...] rêa, 188, no bairro da Saúd[...]

Também, em Pôrto Aleg[...] Igreja Institucional abriu tr[...] lho social. Igualmente o [...] tituto Metodista em Rib[...] Preto está tentando um pr[...] ma social e, especialmente [...] o interêsse de preparar m[...] para o serviço social nas I[...] jas.

Há atualmente uma atent[...] de fundar institutos r[...] evangélicos para atender [...] necessidades do povo que [...] bita as zonas rurais. T[...] ainda, dois grandes orfanat[...] três asilos de velhos man[...] pelas igrejas de Ourinhos A[...] çatuba e Juiz de Fora.

4. *O território ocupado*

A Igreja Metodista não [...] tentado abrir trabalho em t[...]

[...]tados do Brasil. Não por [...] interêsse no bem estar [...] brasileiro, mas por fal[...] [...]cursos em dinheiro e em [...]

[...]rritório ocupado até o pre[...] abrange os Estados de [...] Paulo, Minas Gerais, Rio de [...]ro, Espírito Santo, Goiaz, [...]á Santa Catarina, Rio [...] do Sul e o Distrito Federal. Agora, estamos abrindo trabalho no Estado da Bahia, na cidade de São Salvador. O território que está sendo ocupado representa menos da metade da área do país. Mas, mais da metade da população do Brasil se encontra na zona que está sendo ocupada. Daí a importância estratégica de nossa localização.

DIA 27 — A IGREJA AUTÔNOMA — DIA 27

Os primeiros passos tomados [...] organização da Igreja [...]noma

[...]pírito nacionalista ma[...] [...] muito entre os anos [...] 1930. O primeiro ju[...] [...] trabalho metodista [...] foi celebrado em 1927. [...] L. Kennedy foi en[...] [...] de escrever a Histó[...] [...]etodismo no Brasil. A [...]qüenta Anos de Meto[...] [...] Brasil" foi publicada [...] Não foi possível sair [...] mais cedo por diversas [...] em tôdas as igrejas. [...] regiões, realizaram-se [...] apropriados para a [...] desta data. Tam[...] [...]nta de Missões, em con[...] [...] as três conferências [...]mou os passos neces[...] [...]a organizar uma Igreja autônoma no Brasil. Organizaram-se comissões, tanto da Junta Geral de Missões como das conferências anuais, para apurar os dados e fatos informativos a respeito da conveniência de conceder autonomia ao trabalho no Brasil. Depois de colher tôdas as informações possíveis sôbre a questão, resolveu-se conceder autonomia ao Metodismo brasileiro.

O memorial que as conferências anuais brasileiras enviaram à conferência geral da Igreja Metodista Episcopal do Sul, em 1929 pedindo que as três conferências anuais do Brasil fôssem organizadas em Igreja Autônoma foi aceito e uma comissão especial foi nomeada para efetuar a organização da nova Igreja.

2. *Proclamação da autonomia da Igreja Metodista do Brasil*

"Tendo sido dados todos os passos necessários, tanto pela Igreja-mãe como pelas três conferências anuais, convocou-se uma reunião dos membros da comissão da Igreja Metodista Episcopal do Sul e dos representantes das três conferências anuais brasileiras, para os dias 28, 29 e 30 de agôsto de 1930 e, logo em seguida, aos 2 de setembro, na Igreja Central de São Paulo, a comissão e os delegados brasileiros reunidos para organizar a Igreja Metodista do Brasil fizeram a sua proclamação.

Não resta dúvida que a proclamação da autonomia da Igreja Metodista do Brasil foi uma grande bênção para o metodismo no Brasil. Os membros e ministros tiveram assim as responsabilidades postas sôbre seus ombros com liberdade para agir e dirigir o trabalho mais de de acôrdo com a índole do povo brasileiro.

3. *Os bispos*

Sendo igreja autônoma, podia eleger os seus próprios bispos e legislar as leis mais de acôrdo com as suas necessidades.

O primeiro bispo eleito para administrar a nova igreja foi o Dr. J. W. Tarboux. O Dr. Tarboux, que tinha servido como missionário por mais de trinta e sete anos, voltara para sua terra natal. Mas dez anos depois, quando foi declarada a autonomia da igreja, foi convidado a aceitar o episcopado por quatro anos. Aceitou o convite e serviu por um quatriênio e, sendo avançado em idade, não gosando de boa saúde, pediu a sua aposentadoria, ainda que s[...] eleito para servir por mais [...]tro anos.

Na ocasião, em 1934, em o Dr. Tarboux foi eleito pel[...]gunda vez ao episcopado[...] eleito o primeiro bispo bra[...]ro, o Rev. César Dacorso F[...] Na ausência do Bispo Tar[...] o Bispo César teve de arcar [...] tôda a responsabilidade do [...]balho da Igreja Metodist[...] Brasil. Teve de viajar mu[...] não podia passar muito t[...] em casa. Não sómente s[...] êsse quatriênio, mas já serv[...] quinze anos no episcopado. [...] dedicado todo o seu te[...] energias e inteligência ao [...]viço da Igreja.

Mas, como o trabalho d[...]volveu tanto, tornou-se im[...]sível para um homem fazer [...] o serviço do episcopado. [...]tanto, em 1946, foram el[...] mais dois bispos, a saber: o [...] Isaias Sucasas e o Rev. C[...] Dawsey. Agora cada con[...] regional tem um bispo.

4. *O desenvolvimento d[o] trabalho*

Desde a época do Cente[...] do trabalho missionário Met[...]ta, de 1919 a 1923, a obra [...] se desenvolvido rapidam[...] Durante êsses anos, a M[...] Brasileira recebeu grande [...]lio em obreiros e em dinh[...] Muitas igrejas, capelas, esco[...] colégios foram construidos. [...]to a obra educativa como [...] evangeliação tomou novo im[...]so e territórios novos f[...] ocupados. O trabalho se e[...]deu do Rio Grande do Sul [...] os Estados de Santa Catari[...] Paraná; de São Paulo, pa[...] Estados do Paraná, Mato G[...]so e Goiaz; e de Minas G[...] [E]stados do Espírito San[to e] Bahia.

[5.] *O que fica por fazer*

[...]do Jesus visitou uma ci[dade] de Samaria, chamada Si[car], vendo os habitantes sain[do] [d]a cidade para o receber, [...] seus discípulos: "Er[guei] vo[s]sos olhos e contem[plai os] campos que estão [brancos] para a ceifa. Quem [ceif]a está recebendo salário [e ajunt]ando fruto para a vida [eterna], a fim de que o que se[meia e] o que ceifa juntamente [se reg]ozijem. Pois nisto é ver[dadeiro] o ditado: Um é o que [seme]ia e outro o que ceifa. Eu [vos] enviei a colher aquilo em [que] não tendes trabalhado, ou[tros] trabalharam e vós tendes [entra]do no seu trabalho". Assim [como] outros têm trabalhado na [obra] do Brasil, os jovens bra[sileiros] podem tambem dizer: [...] trabalharam e nós temos entrado no seu trabalho". [...] vossos olhos e con[templai] [es]ses campos, que estão [...] para a ceifa". Há [muito] que fazer ainda antes de [conqu]istar o Brasil para Cristo. [O traba]lho foi iniciado, mas fal[ta mui]to ainda para completar [...].

[...] outra coisa mais im[port]ante para um jovem brasi[leiro] [fa]zer pela sua patria do [que dedica]r-se à causa de Cristo [e anunci]ar a mensagem de sal[vação] ao seu povo. Oh, que [...] e centenas de moços [...] se dediquem ao tra[balho] de Cristo na terra de San[ta Cruz]. Assim fazendo, não [só] guardareis bem a vossa [...], mas fareis mais histó[ria] [par]a as gerações futuras.

Rimas & Versos

C. L. P. — Rio — A senhorita tem acentuado pendor para as Musas. Seu soneto "O Novo Mandamento" demonstra-o claramente. Notamos, no entanto, que os quartetos não rimam entre si, o que não é clássico, não sendo, todavia, condenada essa forma. Mas aconselhamos a não fugir da regra comum à feitura do soneto. Não podemos exigir arroubos poéticos elevados dos que começam, nem tão pouco obras primas. Os primeiros passos são sempre vacilantes, mas os persistentes e animados alcançarão o êxito. Nessas condições, publicaremos O NOVO MANDAMENTO incentivando-a a continuar dedilhando a lira porque é no contínuo labor que chegaremos ao aperfeiçoamento.

G. T. C. — Rio — O hino "Avante Mocidade" vai ser publicado. Pela necessidade de se ajustar melhor às notas musicais, o poeta muitas vêzes é forçado a sacrificar a técnica. E isso é tão comum que ninguém mais discute o assunto. Por isso, com uma ligeira modificação na última estrofe, entregaremos aos "Comandos Wesleyanos" o produto da sua imaginação. Avante, pois!

A. P. — Penitenciária — A intenção do soneto, "O Criminoso" é excelente. Quanto ao tema está apreciável, mas existem no mesmo muitos escorregões técnicos. E como não fazemos aquilo que o próprio autor pode fazer, procure corrigir a sua produção, apurando melhor o ouvido para a contagem silábica, ou auxilie a contagem com os dedos, o que é comum quando o ouvido não está bem educado para isso. Depois, aqui estaremos às suas ordens.

Pereira de Assunção

PELA SEARA JOVEM

Esperança

...pava, S. P. — São muitas as ...s que a sociedade pode contar ...cebidas durante 1948. Ultima... a sociedade dividiu-se em dois ... formando os comandos "Fé" e .... Muitos resultados têm ...do êste trabalho à Igreja. Cada ... entusiasmado com seu trabalho, ... desempenhar um programa ...nte nos devocionais, o que ... contribuído muito para a melho... frequência aos cultos. Faz par... programa dos comandos: orna... da igreja, presença dos só... todos os cultos e escola domi... número de convites para os ... da igreja, novos sócios an... e número de assinaturas para ... de Malta. — *Vany V. Ferreira.*

...aiba conta ...as bênçãos

...uiba, D. F. — Esta sociedade ... animadoramente, durante o ... de 1948, desde seu presidente Ge... da Silva até ao seu mais no... Embora perdendo alguns dos ...os por transferência, a socie... manteve o mesmo número de as... da Cruz de Malta, graças à ...rta. Ítala dos Santos.

...a diretoria é a seguinte: Pre... — Osmar de Oliveira; Vice-... C. Caixeiro; Secretário — ... Silva; Tesoureira — Ítala dos .... — *Helcias da Costa Caixeiro.*

...mpanha na ...riosa SMJ do Ipiranga ...ngiu 240%!!!

...nga, S. P. — Certamente a fa... metodista está interessada em ... segrêdo do sucesso da grande ... de assinaturas da Cruz de Malta, realizada pela SMJ do Ipiranga. Com um alvo mínimo de 60 assinaturas, esta sociedade alcançou um total de 144, merecendo a bela porcentagem de 240%, a maior da Região do Centro no "Rol de Honra".

Para a campanha, a sociedade foi dividida em cinco grupos, tendo cada qual o seu líder, por sua vez orientados pela Srta. Maria Mônica da Silva, agente local. O início da Campanha deu-se dia 30 de Outubro com uma social e palestra sôbre a revista, proferida pelo acadêmico de teologia Alípio Lavoura, colaborador redatorial da Cruz de Malta. O encerramento deu-se dia 5 de dezembro com a seguinte apuração: Grupo Branco — 71 assinaturas; Grupo Verde — 39 assinaturas; Grupo Azul — 15 assinaturas; Grupo Preto 12 assinaturas; Grupo Amarelo — 7 assinaturas; numa soma de 144.

Individualmente, os melhores classificados foram: Francisco M. de O. Barros (presidente em 1948) com 60 assinaturas; Dolores Garcia Albiac com 32 assinaturas; Maria Aparecida dos Santos com 14 assinaturas; Helena Contieri com 9 assinaturas.

No dia 18 de dezembro, numa grande festa, foi prestada homenagem ao Grupo Branco, vencedor. Nessa ocasião, os quatro primeiros colocados, receberam como prêmios, encadernações de Cruz de Malta de 1948 e dois livros oferecidos pela redação. — *Francisco Barros.*

Uma sociedade em 1948; duas em 1949

Goiânia e Campinas, Goiaz — Em 1945, no pastorado do Prov. Samuel Alves de Melo, organizou-se uma sociedade de jovens na cidade de Goiânia. As lutas foram muitas e a sociedade dissolveu-se. Em 1948, no pasto-

Os jovens da Central de São Paulo gostam de convescotes... Esta foto é do convescote realizado no Guarapiranga, represa de Santo Amaro

rado do Rev. Charles Long, reorganizou-se a sociedade, tendo como presidente o jovem Nelson Arantes, moço muito esforçado e entusiástico. Os sócios compunham-se de membros das igrejas de Goiânia e Campinas. Alguns dos trabalhos mais importantes que uma sociedade deve realizar eram deixados de lado devido à falta de orientação, até que chegaram a Goiânia os jovens Marcolino e Geralda Christóvão. Êstes puseram em ação o trabalho dos departamentos, realizando regularmente os cultos devocionais.

Em Setembro de 1948, Nelson Arantes foi obrigado a afastar-se de Goiânia e assumiu o cargo de presidente o jovem Marcolino. Com o entusiasmo e orientação segura dêste prestimoso jovem a sociedade tem-se desenvolvido grandemente.

Um dos planos do presidente para 1949 é o da organização de duas sociedades ao invés de uma. Assim, a Federação poderá contar com mais uma... em Goiaz. Há possibilidade de uma sociedade com 13 sócios em Goiânia e uma com 11 sócios em Campinas. Há quinze assinaturas da Cruz de Malta

Pingue-pongue e futebol

Vila Mazzei, S. P. — Esta socied[ade], agora sob a presidência do jov[em] Omir Andrade, está trabalhando ati[va]mente em prol da construção do no[vo] templo, que será erguido em frente [ao] atual, que já é, por demais peque[no].

Com a eleição da nova diretoria, [to]dos estão muito animados. Estão em grande atividade as comissões [para] os diferentes trabalhos, inclusive [uma] comissão para organizar programas [so]ciais-esportivos, tais como soc[iais,] pingue-pongue e futebol. Já há [em] caixa Cr$ 250,00 para a compra [de] uma mesa de pingue-pongue e um [jo]go de camisas de futebol. E aqui [fi]ca o desafio amistoso para competi[ção] nesses dois esportes com as de[mais] sociedades da Capital Paulista. — *Abelardo Machado.*

Jornal generoso

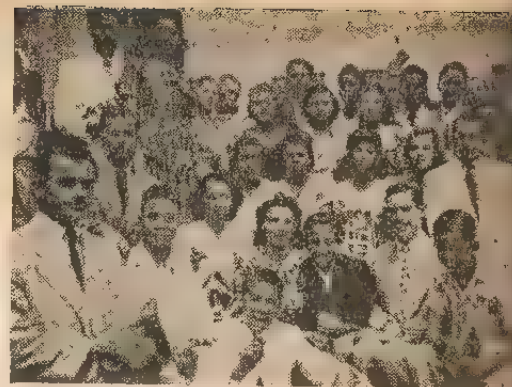
Vila Isabel, Rio — "O Mexeri[co"] órgão oficial da SMJ de Vila Is[abel] mantem-se com ofertas volunt[árias] daqueles que recebem o interess[ante] jornal redatoriado por J. T. F. [As] ofertas têm sido o suficiente [para] comprar um mimeógrafo e, êste [ano,] por ocasião do Natal, de present[ear] Cr$ 2.000,00 à Igreja, além do pa[ga]mento de tôdas as despesas. Est[a é] uma grande vitória e um bonito ex[em]plo! — *Redação.*

A história da maravilhosa campanha de Cabo Frio

Cabo Frio, Estado do Rio — Est[a so]ciedade iniciou com relativa an[teci]dência a sua "Big" campanha [para] 1949, disposta a bater o "record", [con]seguindo manter elevado o seu [con]ceito de 2.ª colocada na Região Norte e 3.ª em todo o Brasil.

Quando tudo corria na melhor [mar]cha possível, e já tinham sido [an]gariadas 30 assinaturas, cobradas à [ra]zão de Cr$ 10,00 cada, surge como águ[a] fervura o aumento repentino [para Cr$ 1]5,00. A todo instante éramos in[terpe]lados: "Como farei, se já tenho [ass]inaturas prometidas e algu[mas co]bradas a Cr$ 10,00?" Ainda ou[tro:] "[E] eu, que já mandei circulares [pelo] correio para muita gente, dizen[do] que o preço era de Cr$ 10,00; não [ten]ho coragem de falar no aumento. [O jeito] é de desistir." E assim outros [sócios] e mesmo amigos interrogavam [os res]ponsáveis pela campanha e a [respo]sta era: "Espere um pouco que [tudo es]tá resolvido. Vamos protestar, [outros] também o farão e não teremos [[illegible]] do aumento."

Cabo Frio representou uma pe[quena] maioria na votação total da [moci]dade metodista quanto ao aumen[to de p]reço de sua revista. A socieda[de rece]beu a notícia com espírito cris[tão e] preparada a continuar a cooperar [na c]ampanha, mesmo contra o aludi[do a]umento. No dia 28 de novembro [inicio]u-se o movimento com o prazo [de]marcado para 11 de dezembro. [[illegible]] campanha os pessemistas [[illegible]] que a sociedade não atingi[ria] a metade do que havia atin[gido] em 1948. Os planos foram traça[dos] da seguinte maneira: 1 — A socie[dade] foi dividida em três grupos che[fiados] por Ivete Corrêa, Sílvia Men[des e] Emília Corrêa. 2 — Foi estipula[do o a]lvo mínimo de 5 assinaturas [por ca]da sócio. 3 — Foi criada uma [prisão] para o sócio que não conse[guisse o s]eu alvo mínimo. 4 — Foram [construí]dos tronos para o Rei e a Rai[nha da] Campanha. Assim, com mêdo [da pris]ão e com vontade de merecer [o tron]o, os jovens de Cabo Frio es[queceram]-se do aumento de Cr$ 5,00 [e lança]ram-se à luta, dispostos a es[palhar] o evangelho de Cristo com a [difusão] da nossa querida revista.

[Na apur]ação final foram registradas [[illegible] assinat]uras angariadas, tendo as[sim ultrapas]sado em 15 o alvo mínimo [[illegible]], o que representa uma [grande] vitória. No dia da apuração o [salão] de festas comportou uma cadeia [especial]mente construida na qual fo[ram en]carcerados 7 sócios que não alcan-

Esta é a garbosa turma da SMJ da Penha no Rio, que conseguiu um total de 190 assinaturas da Cruz de Malta para 1949; uma das grandes vitórias na Região do Norte.

çaram seu alvo mínimo. Se não fôssem os padrinhos que sempre aparecem, a prisão seria de uma hora no mínimo, porque o delegado José Luiz e o carcereiro Gessé Cardoso não deram uma folga. Foram coroados rei e rainha os simpáticos Gabriel Ramos Filho e Arlete Mendes, com 11 e 6 assinaturas, respectivamente.

Mesmo derrotados em seu ponto de vista a garbosa mocidade cabofriense aderiu democràticamente à maioria, esforçando-se por fazer a sua parte. E neste espírito ela será, certamente, sempre vitoriosa. — *Dyrson.*

Novas diretorias

Santo Estêvão, S. P. — Com a presença do pastor ajudante, acadêmico Bohumil Jerep, no dia 2 de janeiro de 1949, foi empossada a nova diretoria da SMJ de Vila Santo Estêvão, que ficou assim constituida. Presidente — Isaac Pereira Marques, Vice — Arthur Hensel; Secretária — Eva de Oliveira; Tesoureiro — Joaquim Telles; Departamentos — Arthur Hensel, Jane Alves, João Altino da Silva, Delcides J. Pereira; Agente da Cruz de Malta, Tibaldo Barretto Júnior.

Santo André, S. P. — Presidente — Benjamim Henriques (re-eleito); Vice — Maria Petreca; Secretária — Terezinha Petreca; 2.ª Secretária — Vicentina de Paula; Tesoureiro — Antônio Petreca; Departamentos — Otávio de Paula, Maria Petreca, Laurides Morais, Diva Alfa de Paula; Agente da Cruz de Malta, Eva G. Henriques.

Vila Isabel, D. F. — Decorreu num ambiente de alegria e jovialidade a eleiçao da nova diretoria desta sociedade, que ficou assim constituida: sidente — José Nery; Vice — Esther Duarte; Secretária — Carmela Stanziola; Secretária-auxiliar — Joaquim Francisco Ferreira. Visitou a sociedade nesse dia o Secretário Distrital, Jairo Gonçalves A re-eleição de José Nery constituiu motivo de muita alegria, já pela sua dedicação, já pelo seu grande esfôrço e trabalho.

Presidente Prudente, S. P. — Pela primeira vez na história da SMJ de Prudente, o presidente deixou de ser do sexo masculino. As moças deram um golpe nos rapazes e afirmam que irão realizar uma gestão incomparável. Presidente — Eunice Andrade; Vice — Anésia Garcia; Secretária — Olga Botelho, Tesoureira — Ivone de Almeida. — *Ely Guedes.*

É maravilhoso o espírito de cooperação

Redação — Um dos maiores exemplos de cooperação até hoje registrado nos anais da mocidade evangelica brasileira, terá a sua culminância nos dias 6 a 13 dêste mês. Nessas datas estarao reunidos o II Congresso Nacional da Mocidade Cristã Congregacional na cidade de Campina Grande, na Paraiba, e o II Congresso Nacional da Mocidade Cristã Presbiteriana na cidade de Recife, Pernambuco.

Embora realizados em cidades diferentes, êstes congressos estão seguindo um mesmo plano, elaborado por uma mesma comissão, composta de jovens de ambas as denominações irmãs. O tema dos dois congressos é "Em Cristo somos um", que reflete b... espírito que orienta os seus plan... projetadas realizações.

A mocidade metodista terá o ... observador em Recife. Um movim... empolgante como êste não poder... car sem a simpatia e carinho da ... sa mocidade. Por intermédio ... observador queremos transmitir, ... Abril, as grandes realizações das ... mocidades irmãs nos seus congre...

A abertura dos dois congress... rá em conjunto, no Teatro de S... Isabel, em Recife

"Comandos de Natal"

Campos, Estado do Rio — A ... dade de Campos realizou em con... ção com a UMP de Campos, um... ciente e cristã comemoração d... tal dos Pobres Foi um trabalho ... rador, bem organizado e que j... produzindo excelentes frutos.

Com três animadas sociais — ... tas do Quilo" realizadas no ... recreativo da UMP, consegui...-se ... ca de 200 quilos de gêneros alim... cios diversos A distribuição d... gêneros foi feita pelos "Comand... Natal", na manhã do dia 25, ap... culto matutino que foi realiza... templo da Igreja Presbiteriana

Os "Comandos do Natal" ... compostos de cêrca de 50 joven... voluntàriamente se apresentaram ... ma reunião especial, após uma ... tra e veemente apêlo do Rev. J... Sias Monteiro, nosso pastor, qu... colaborando muito de perto com ... cidade local e com o movime... confraternização de Campos.

Os jovens "comandados", d... mente preparados para o miste... cançaram pleno êxito em sua ... pois levaram não só o confôrto ... terial, mas também o consôlo p... espírito, através de hinos ca... orações e leituras bíblicas que f... nos lares por onde passaram.

Que outras sociedades exp... te...n o plano e vejam como é m... lhoso. — *Lenildo Freitas Mag...*

...im em Itaóca

...Minas No dia 31 de de... ...do Culto de Vigília, a ... de Itaóca realizou uma sc... ... do novo projeto de cons... ... da Missão na Bahia, com uma ... de Cr$ 400,00. Dêste total ... destinou-se ao fundo de ... A seguir realizou-se um ...lico pela dirigente Dona ...nha No Culto de Vigília ... ovem Edere de Oliveira, ... palavras sido muito aben-...

...sociedade possuí 22 sócios, sen... e 2 auxiliares. — *Carlito ...*

...tar ...morativo

...Estado do Rio — O 4.º ani... ... SMJ de Campos foi come... ... um programa simples, ...radou a todos. Às 6,30 um ...agradecidos procurou a Ca... ... para reconhecer as bên... ...das por esta sociedade. Às ... ar livre, no amplo ter... ...sidência do Rev. Juracy ... foi celebrado um jantar in... ... pouco dispendioso, uma ... sócio contribuiu para a ...ção, levando frangos assa... ...macarronada, pães, etc. Se... ... animada social

... êxito desta comemoração, ... parte, aos dois jovens tra... ... abnegados Decio Gomes ...ira e aos amigos de sem... ...no Arueira e Rev Jura... ... — *Lenildo Freitas Mag-*

...rio festejado

Minas — Aniversariou em ... nosso prezado Agente da ...lta em Goianá, jovem Val... Por êsse motivo, seus ami... ...am tributar-lhe uma ho... ...alizando uma visita à sua ...com um culto de gratidão. ... ...ppi e esposa, progenito... ...versariante, obsequiaram a todos com café e doces. — *José Inácio da Silva.*

Novas diretorias

Goianá, Minas — Presidente — Abedias F. Oliveira; Vice — João P. Oliveira; Secretária — Isabel O. Costa; Auxiliar — Maria A. Milagre; Tesoureiro — Elcias O. Costa. A velha diretoria deixa aqui registrado o seu agradecimento ao Prov. José E. Modesto e Sr. Jairo Lima pela cooperação e auxílio prestados durante 1948.

Vila Mazzei, São Paulo — Presidente —Omir Andrade; Vice — Rubenita Guedes; 1.º Secretário — Isaías Pedroso; 2.º Secretário — Paulo Toledo; Tesoureiro — Roberto Vignon; Departamentos — Lidia Barros, Maria Aparecida, Eunice Costa, Eunice Cruz; Agente da Cruz de Malta — Jair Costa; Repórter — Abelardo Machado.

Campos, Estado do Rio — Presidente — Gelsy Moura; Vice — Waldemar Gomes; Secretária — Rozely Freitas Magdalena; Tesoureiro — Décio Gomes de Oliveira; Departamentos — Lenildo Freitas Magdalena, Augusto Feliciano Filho; Shirley Melo Silva; Odete Batista de Sousa; Agente da Cruz de Malta — Rozely Freitas Magdalena Novos sócios recebidos — Nebton Peixoto, Edalmo Chagas da Cunha, Maria Soares e Deir José Gomes. Há 133 assinaturas da Cruz de Malta.

Marquês de Valença, Estado do Rio — Presidente — Jacy Ângelo de Souza; Vice — Nair Carreiro; Secretária - Diva Murat de Souza (re-eleita); Secretária correspondente — Ruth de Souza; Tesoureira — Magdalena de Oliveira Garcia (re-eleita); Conselheiro — Antônio Ângelo de Souza (re-eleito); Departamentos — José Pedro Soares Filho; Everalda Carvalho; Wilma Alves; Samuel Vieira da Silva; José Pedro Soares Filho.

Franca, S. P. — Presidente — Norival Borghi; Vice — Abigail de Carvalho; 1.º Secretário - Luiz Simões; 2.º Secretário — Maurílio Mendes; Tesoureiro — Kurt Veith.

Eu VI e OUVI Maria Luiza Moura

Escreveu — *Valério Leão de Lima*,
da Associação Espiritosantense da Imprensa.

Domingo, dia 5 do corrente, eu, pela primeira vez, vi e ouvi a Maria Luiza Moura.

Eu tinha muita vontade de conhecer esta jovem. Pois os comentários em tôrno de seu nome, como dedicada trabalhadora que é no seio da juventude cristã, são os mais entusiastas. Li artigos riquíssimos seus na CRUZ DE MALTA. Quando os jovens cristãos de todo o mundo se reuniram na Noruega, há uns dois anos, lá estava Maria Luiza como delegada.. — (Para DELEGADO àquele conclave, foi escolhida a fina flôr da espiritualidade e da intelectualidade cristã jovem dêste Planêta!) E eu li as suas notas de viagem. E, portanto, tinha motivos para desejar conhecê-la. Eu queria nem que fôsse num retrato... Mas, qual!

Sabendo, então, que ela viria aqui na Igreja, dia 5, às 19 horas, falar aos jovens metodistas e despedir-se de Niterói — por ter que seguir para a América do Norte, onde fará um curso de aperfeiçoamento por conta do Govêrno, como prêmio por sua aplicação na Universidade, — pus-me, logo, de-orelha em pé, à sua espera.

Eram, mais ou menos, 6 horas da tarde. Estávamos na aula de Formação de Professores, dirigida pelo Rev. Messias.

Nisto, entra no recinto, uma esbelta e formosa jovem, de óculos, cintura fina, morena, cabelos aparados. O Rev. Messias levantou-se; apertou-lhe a mão e deu-lhe informações sôbre aquêle Curso. Nós, alunos, não ousamos nos mexer. Éramos alunos!...

E a jovem bela, de óculos, cabêlos aparados — sentou-se e assistiu, atenta e grave, todo o resto da aula, sem tirar os seus grandes olhos, de cílios compridos, do Reverendo. Eu fiquei "trocando a orelha": "Será esta Maria Luiza?" Não! Não pode ser! A que esta moça é da Igreja Pre[...] riana e está aqui nos visitando

As sete e pouco, o Rev. Me[...] suspendeu a aula porque tinham [...] disse — de ouvir MARIA LUIZA [...]

E a moça esbelta e morena [...] nou, então, ao Pastor a alegria qu[...] nha ao saber daquele curso. Disse [...] era seu desejo que tôdas as I[...] mantivessem curso idêntico. (E[...] mos dando, na ocasião, o livro "P[...] cípios de Interpretação da Bíblia" [...] Barrows.)

Saindo dali fui depressa senta[...] no primeiro banco, lá no salão, [...] melhor poder ouvir Maria Luiza [...] eis que noto a jovem de óculo[...] mosa e de cabêlos aparados, se[...] junto à mesinha, à frente dos j[...] ao lado do Presidente CELSO.

Aí comecei a desconfiar. "É ela [...] ma...!"

E o CELSO, então, levantan[...] apresentou-nos "A JÁ NOSSA CONHECIDA MARIA LUIZA M[...] RA". Etc e tal

Eu sabia que a Maria Luiza [...] -se formado pela Faculdade de [...] sofia da Universidade do Bra[...] por isso, esperava que ela nos [...] fazer um discurso "clássico" c[...] tações em Latim, Inglês, etc.. M[...] que passo a ouvir tão somente [...] vras singelas de uma meiga se[...] Deus. Nada de classicismo e p[...] difíceis. As suas palavras eram [...] ples, amenas, confortadoras. Ela [...] tou-nos as suas experiências, [...] -nos das malocas dos índios; do [...] ro; dos pobres flagelados do [...] por onde andou. E apontou aos [...] o que êles poderiam fazer.

Ao terminar a sua palestra (q[...] desejaríamos que se prolonga[...] noite a dentro), havia deixado [...] ração de cada presente, e, pr[...] mente no coração da juventude

[...]TA É A nossa Maria Luiza. A serviço dos interêsses da mocidade [...]angélica brasileira ela cruzou os céus do Brasil de norte a sul. Agora [...]pede-se por alguns mêses para estudar na Universidade de Vanderbilt, nos Estados Unidos da América do Norte.

profunda mensagem de esperança e confôrto cristão.

Ao despedir-me dela, roguei-lhe que não se deixasse ficar muito tempo lá pela América do Norte, pois aquêle povo não precisa dela; quem precisa dela somos nós!

Olha, Maria Luiza: não te esqueças de contar àqueles americanos as coisas belas de nosso Torrão! Fala-lhes de nosso regionalismo; da poesia de nossos sertões; do nosso cabôclo; dos nossos campos e serras...!

E ela nos deixou, tomando a barquinha que a levaria ao outro lado da Guanabara!

Que Deus guarde a Maria Luiza em sua viagem e na sua estada no País de Roosevelt e a traga sã e salva para junto de nós, porque o Brasil muito precisa dessa jóia para a Seára do SENHOR.

Em 1950 o III Congresso da ULAJE

Rio de Janeiro, D. F. — Está em grande atividade a Comissão Organizadora do III Congresso da União Latino-Americano das Juventudes Evangélicas (ULAJE), a realizar-se no Rio de Janeiro em 1950.

A Juventude Evangélica Latino-Americana teve o seu I Congresso em Lima, Perú, no ano de 1939. Naquela ocasião foi estruturado o seu plano de trabalho, que era o de conseguir a adesão e filiação de todos os países latino-americanos que contassem com uma organização interdenominacional nacional.

Em 1946 a Juventude Evangélica Latino-Americana realizou o seu II Congresso em Havana, Cuba. O movimento já havia crescido bastante até aquela data. O Brasil enviou 6 delegados.

O III Congresso da ULAJE será realizado no Rio de Janeiro em 1950. É o desejo sincero de cada jovem evangélico brasilèiro que a acolhida dispensada aos representantes moços das outras nações latino-americanas [...] a melhor possível, daí a importân[cia] do trabalho da Comissão Organiza[do]ra do Congresso. A divulgação [das] atividades desta comissão é pois [uma] necessidade imperiosa.

Manguinhos tem espírito missionário

Manguinhos, Estado do Rio — [O] verdadeiro espírito missionário, os [jo]vens desta igreja promoveram re[cen]temente uma campanha em pró[l da] construção do novo templo de Ar[ma]ção dos Búzios que rendeu um t[otal] de Cr$ 1.155,60. Dos dois grupos F[é e] Esperança, foi vencedor o Grupo [Es]perança, chefiado pelo capitão Be[...]ny Coelho da Silva, que angar[iou] Cr$ 805,00.

No dia 15 de novembro, dia da [con]sagração e aniversário do templ[o da] Igreja Metodista de Cabo Frio, o[s jo]vens manguinenses tiveram a opo[rtu]nidade de conhecer o seu secre[tário] distrital, Celso dos Santos. — *N[...] Venina Pereira.*

Festa orfeônica

Campinas, S. P. — Por sugest[ão do] pastor local, Rev. Angelo Briano[...] drigues, foi convidado a cant[ar em] Campinas o Côro Sinfônico e o O[rfeão] da Faculdade de Teologia de São [Pau]lo. A audição coroou-se de relev[ante] sucesso tendo a renda revertido em [be]nefício da Casa Pastoral e [...] do Asilo Colônia de Pirapiting[ui].

Nas festas de Natal houve b[oa] te cooperação dos jovens no pro[grama] e comentários elogiosos classif[icam] a festa como uma das melhor[es] hoje realizadas na igreja.

No mês de Dezembro, em r[eunião] extraordinária de todos os sócio[s fo]ram re-eleitos os presidente e [vice-]presidente Paulo Franco e [...] Martins Rodrigues, e sufragad[as] novas mentalidades de Pedro [...] Bulhões, para secretário; Jacy [...]ra, para segunda secretária; [...] Franco, para tesoureiro; e C[...] para segundo tesoureiro. A [...] de 1948 deixou patenteada [...]tidão a todos que com ela [...], esperando continuar vi[...] em 1949. — *Edoald Martins* [...].

[...] horas de viagem [...] os domingos

[...] *São Paulo* — Um dos heróis [...] da SMJ da Penha é o jovem [...] Araújo, superintendente da [Escola] Dominical de Cumbica.

[Para] esse jovem realizar o seu tra[balho] é necessário que êle tome, em [primeiro] lugar, um velho ônibus que, [com] os seus bancos desagestados e [...] de buracos da estrada, obri[ga] a receber um banho de pó em [...]agem. Depois é necessário an[dar a] pé uns 7 quilômetros por uma [estrada] de cascalho e pedregulho; [cheia] de altos e baixos. Neste percur[so] gasta 3 horas de ida e 3 de [volta].

[...] nada interrompe o trabalho [dês]se jovem dedicado. Nem a [...] seu espírito de consagração à [Escola] dominical encerra-se neste [...] que faz a outros jovens crentes [...]: "Jovens, deixai no domin[go o] vosso lar, as vossas diversões, as [...] atividades e levai a mensagem [...] e da vida àqueles que ainda [não a co]nhecem".

[E]m Cumbica o nosso jovem mi[nistra o c]onhecimento de Deus a mais [...] pessoas por domingo.

[...] do [...] semana de sol

[...], *S. P.* — Domingo cheio de [a]legria. Escola Dominical reple[ta...], sempre solícita, pergunta[...] eu tinha feito alguma visita. [Disse]-lhe que sim, "Seis, sendo [...] membros da igreja e duas [...] Votorantim". Logo depois [...] com Aracy, Chiquita, [...] Reynaldo para fazermos nos[sos planos] para a semana.

[O que] fizemos foi isto: uma festa [...] no Orfanato Betel (da Igreja Independente); uma festa de Natal, em cooperação com tôdas as demais organizações da igreja no templo; domingo, dia 26, uma reunião matutina de oração, distribuição de doces à criançada na ED, reunião de oração na casa do jovem Gustavo de Almeida Filho e dois cultos ao ar livre. Ficou ainda combinada a Semana de Oração que foi realizada em Janeiro, a favor dos Comandos. — *José Harrison.*

Um amigo "amigão"

Piracicaba, S. P. — Esta sociedade iniciou o ano com 37 sócios, todos ativos. Para estimular o seu trabalho foi solicitada a cooperação de vários membros da igreja, que entraram para o rol de "Amigos da Sociedade", isto é, pessoas que se comprometem a dar uma mensalidade durante o ano todo. Há um "amigão" de Cr$ 100,00 por mês, um de Cr$ 50,00 e vários de Cr$ 20,00, Cr$ 10,00 e Cr$ 5,00.

O Departamento de Missões tem distribuido gratuitamente Bíblias e Novos Testamentos a pessoas estranhas, nos cultos ao ar livre. Em 1948 esta distribuição montou em mais de 100 exemplares; financiamento feito por intermédio de ofertas especiais.

A nova diretoria é a seguinte: Presidente — Sylas Oswaldo Pacitti; Vice — Frances Bowden; Secretária — Sílvia de Novembre; Tesoureira — Helena Porfírio; 2.º Secretário — Cião Endo; Departamentos — Noemí Silveira, Warwick Kerr, Daniel Perpétuo, Neemias Vassão; Bibliotecária — Sylvia Pacitti. — *Sylas Pacitti.*

Que enlace...

Penha, São Paulo — Que casamento maravilhoso! Ouvi muitos exclamarem. E verdadeiramente, o enlace do nosso querido pastor, Rev. Hélio Áglio Barbosa, com a nossa consócia Amelita Turella, foi um dos maiores acontecimentos na vida social da nossa Igreja da Penha nos últimos tempos.

A cerimônia realizou-se dia 1.º de Janeiro, sendo oficiante o Rev. Natha-

Milton, que o Altíssimo Deus, em sua grandiosidade, derrame bênçãos copiosas e te faça um ministro reto em sua palavra, a fim de que deixes afixadas no campo do Mestre muitas almas em clara luz e um amontoado de saudades, onde como ministro passares.

Perdemos um presidente e um superintendente, porém cantamos vitórias por entregar à Igreja um futuro ministro para a sua vasta seara.

Milton, que o Senhor te guie os passos. — *José Pedro Soares Filho*, Marquês de Valença, Estado do Rio.

Sr. Carlos Kruger, da Institucional

Justa homenagem

Institucional, Pôrto Alegre — Muito devem os jovens da Institucional de hoje, àqueles que no passado prepararam o caminho para as suas vitórias. Através da Cruz de Malta, esta so[ciedade] quer prestar sua justa hom[ena]gem a um amigo de valor, que mai[s] que qualquer outro procurou esti[mu]lar o trabalho da mocidade local. Tr[a]ta-se de Carlos Krüger, fundador [do] Grupo Teatral da SMJ Institucio[nal].

Foi Carlos Krüger que idealizo[u a] construção do edifício social da I[ns]titucional, que concretizou-se pri[mei]ramente na forma de um mod[esto] "chalé", produto das mãos habil[ido]sas de Carlos Krüger, Adolfo Wa[gner], Carlos Wagner, Afonso Froeh[lich], Willy Friederich, Augusto Miran[da] e José de Souza; isto em 1916. Foi Ca[r]los Krüger que, no dia escolhido [para] a inauguração oficial do "chalé", [fêz] o "discurso" oficial em forma de [ver]so. Nessa mesma noite o prim[eiro] elenco teatral da Instituição apre[sen]tou duas peças cômicas — as prim[ei]ras das muitas que haveriam d[e] seguir.

Mais tarde, por intermédio do [Dr.] Claud L. Smith, o "chalé" transf[or]mou-se em edifício social de alv[ena]ria. No seu salão de festas o g[rupo] teatral fundado em 1916 continuo[u] seu trabalho, sem esmorecim[ento]. Agora, decorridos 32 anos de exis[tên]cia, êste grupo deseja manifest[ar a] Carlos Krüger e demais companhe[iros] a sua homenagem sincera de pro[funda] gratidão.

Um exemplo extraordinário do que pode uma mocidade un[ida]

Recife, Pernambuco — A moci[dade] evangélica confraternizada de Re[cife] demonstrou, recentemente, o que [po]de a união e o ideal.

No velho e formoso Teatro [Santa] Isabel realizou-se uma festa de [gala] em benefício do Hospital Evang[élico] d Pernambuco, com a participaç[ão] mais destacados elementos mus[icais,] dramáticos e literários da moc[idade] evangélica de Recife. Batistas, [con]gregacionais e presbiterianos coo[pera]ram neste programa e a apuraç[ão foi] de Cr$ 10.524,00. — *Colegido d[o] Norte Evangélico*".

... um ... Espiritual ... êste ... al

... lado foto- ... da moci- ... de São ... na Facul- ... durante o ...

... abençoa- ... produziu mui- ... êles o da ... um acadêmico ... uma jovem ... que assis- ... vez uma ... gênero.

... tipos de ... em local ... salas para ... instalada, ... etc.; o ... acampamento, ... e o retiro, ... feito ... onde os ... dias em ... — ... pin- ... ar- ... da igre- ... — e ... refeições, ... apenas para ...

... fôr o reti- ... deve ser ... em comê- ... Pessoas ... ser con- ... os es ... um local ... e as ins- ... abertas pa- ... interessados.

MENOR PORÉM MAIO
EM CADA NÚM
a CRUZ DE MALTA
Em 1948 — 36 páginas
Em 1949 — 60 páginas
Em 1948 — 8550 cms2
Em 1949 — 9985 cms2
Cruz de Malta
MARÇO DE 1949